

Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 74 · Nº 791 · €1,90

Abril 2013



Cristo, nossa páscoa



A frequência das refeições e a saúde

Aparentemente, o conselho do Espírito de Profecia está errado. Será possível?

16



Liberdade Religiosa A responsabilidade do testemunho

Ao reclamarmos o direito da liberdade de consciência, tornamo-nos "espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens".

24



O guarda-chuva

Maria sabe que foi naquela tarde de temporal que o seu coração se uniu ao coração de Jesus.

28

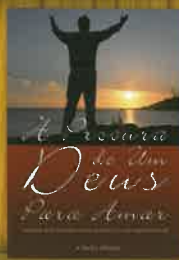
Livros disponíveis em plataforma digital!

 **iBooks** 

Siga a Publicadora SerVir
nas **redes sociais!**

 twitter.com/PSerVir

 facebook.com/PSerVir



Publicadora **SERVIR** 

Rua da Serra, 1 - Sabugo Tel.: 21 962 62 00
2715-398 Almargem do Bispo Fax: 21 962 62 01
Portugal publicadora@pservir.pt

www.publicadora-servir.pt

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

índice



ARTIGO DE FUNDO

10

Cristo, nossa Páscoa

Ao cumprir a Páscoa antitípica, a morte do Cordeiro de Deus concede ao Cristão a libertação do pecado e condu-lo à Canaã celestial.



DEVOCIONAL

32

O Servo Fiel: A fidelidade testada pelo tempo

Quantos de nós, que estamos à espera do regresso do rei Jesus, seremos fiéis até ao fim?



PÁGINA DA CRIANÇA

35

As Histórias do Barão

EDITORIAL

04 "Cristo, o Cordeiro de Deus que Tira o Pecado do Mundo"

05 Memo

HOMENAGEM

06 Pastor Ernesto Ferreira
O Pastor Ernesto Ferreira foi um personagem incontornável na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Portugal e não só, nos últimos 60 anos.

CRENÇAS FUNDAMENTAIS ASD

14 Por que Razão eu não Bebo Álcool

Qual a razão de os Adventistas do Sétimo Dia se oporem tão fortemente ao uso de álcool?

SAÚDE E TEMPERANÇA

16 A Frequência das Refeições e a Saúde

O Espírito de Profecia aconselha a fazer somente duas ou três refeições por dia. Mas os técnicos ligados à nutrição recomendam um número superior de refeições. Qual a conduta mais correta?

18 Notícias Internacionais

- EUD
- EUA

19 Notícias Nacionais

- Coimbra
- UPASD
- Quarteira

CIÊNCIA E RELIGIÃO XXXV

21 A Matemática de Deus – Parte II

Como podemos utilizar o valor da matemática da Bíblia para o nosso crescimento espiritual?

LIBERDADE RELIGIOSA

24 Liberdade Religiosa: A Responsabilidade do Testemunho

A procura da liberdade religiosa como um direito traz com ela a responsabilidade de se ser visto como embaixador desse princípio.

TESTEMUNHO

28 O Guarda-chuva

Maria nunca mais esqueceu o presente que Jesus lhe ofereceu quando ela era uma menina aprendiz de modista, apenas com treze anos.

REFLEXÃO

31 A Proximidade da Segunda Vinda



António Rodrigues

“Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do Mundo”

“**A** limpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós” (I Coríntios 5:7).

A palavra “Páscoa” vem do termo hebraico “*pesach*”, que tem o sentido de “transpor”, “saltar”, significando também “passagem”. No século da informação, contraditoriamente, a maioria das pessoas nos nossos dias quase nada sabe sobre a origem e o significado da Páscoa. É importante lembrar que a Páscoa, originalmente, foi instituída como símbolo da libertação e da salvação do povo de Israel do Egito (Êxodo 21). A Páscoa envolve uma mescla de acontecimentos e de sentimentos que o crente deve saber interpretar (alegria e tristeza, morte e vida). O sangue do cordeiro teria um papel expiatório e o êxodo seria a concretização dessa libertação.

Antes do ato de libertação, porém, o Senhor ordenou ao Seu povo que cada família tomasse um cordeiro de um ano sem defeito, o sacrificasse e, com o sangue, aspergisse as ombreiras das suas portas, para depois comer o cordeiro assado, acompanhado de ervas amargas e pão sem fermento. A obediência traria a proteção divina e favoreceria a saída do povo do Egito. Desse modo, o cordeiro morto era símbolo do sacrifício de Cristo, na cruz, pelos nossos pecados. O cordeiro “sem defeito” prefigurava a vida de Jesus Cristo, sem pecado. As ervas amargas prefiguravam a dor, a necessidade de contrição e de arrependimento. Como o fermento simboliza espiritualmente a corrupção do pecado, o pão

sem fermento indicava a pureza que é requerida de quem serve a Deus. A Bíblia afirma que Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus que foi morto desde a fundação do mundo. Jesus subia anualmente a Jerusalém para participar da Páscoa (Mateus 16:17-19).

A maior alegria que podemos ter é de que Cristo, como nossa Páscoa, nos assegura vida, perdão, compaixão e reconciliação. Estávamos condenados à morte eterna, mas a Sua morte deu-nos vida eterna: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João 8:36).

Diz a Bíblia que fomos reconciliados com Deus, nós que vivíamos em inimizade com Ele. Existe um único caminho para Deus e é através do Seu filho, Jesus Cristo. Hoje, cada um de nós pode estar reconciliado com Deus, porque Jesus já morreu por nós. Quando confessamos com a nossa boca que Jesus é o Senhor, crendo nisso com o nosso coração, somos salvos.

No mundo ocidental, vimos o conceito da Páscoa evoluir rapidamente, de modo que ela passou de uma celebração religiosa para uma data meramente comercial. Parece que os Cristãos deixaram de celebrar a Páscoa. É quase meia-noite no nosso Mundo de pecado e na nossa vida. Cada um é convidado a continuar a “espargir” o sangue de Cristo na porta do seu coração. Aceite este convite e permita que Deus unja a sua vida com o poder do Espírito Santo.

Já colocou o sangue de Cristo nas ombreiras do seu coração? ✦

· **António Rodrigues,**
presidente da UPASD

Dias Especiais e Ofertas

A B R I L

- 01 a 07 Formação em Escola Sabatina e Ministério Pessoal
– Para Pastores
- 06 Dia de Oração e Jejum / Dia das Publicações
- 12-14 Escola de Formação JA – Nível 1 RE Centro/Norte
- 13 Oferta para a Missão Global
- 19-21 Congresso Nacional de Universitários
- 20 Dia da Educação
- 28 Início da Campanha Nacional da ADRA

M A I O

- 05 Fim da Campanha Nacional da ADRA
- 03-05 Escola de Formação JA – Nível 1 RE Lisboa e Vale do Tejo/Sul
- 07-08 Curso de iniciação à Colportagem
- 11 Oferta para a ADRA
- 12-16 Formação JA para Pastores
- 17-19 Encontro da Amizade

A B R I L

- 01-05 – Associação do Sul da Transilvânia (RU)
- 08-12 – Associação da Muténia (RU)
- 15-19 – Associação da Bavária (SGU)
- 22-26 – Associação de Baden-Wuerttemberg (SGU)
- 29-03/05 – Associação do Reno Central (SGU)

M A I O

- 06-10 – Associação do Norte da França (FBU)
- 13-17 – Instituto Teológico de Cernica (RU)
- 20-24 – Associação da Hansa (NGU)
- 27-31 – Seminário Teológico de Sagunto (SPU)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



ANTENA 1

FÉ DOS HOMENS

RTP2

RTP2, a partir das 18h

ANTENA 1, a partir das 22h47

- 01/04 (segunda-feira)
- 29/04 (segunda-feira)
- 16/05 (quinta-feira)
- 20/05 (segunda-feira)

RTP2

ANTENA 1

CAMINHOS

RTP2, às 09h
ANTENA 1, a partir
das 06h
12/05 (domingo)

Homenagem ao Pr. Ernesto Ferreira

Depois de tanto tempo
o seu Deus ter servido,
chegou agora o momento
de ser reconhecido.

Homem cheio de bom senso,
dotado de grande sabedoria,
prestamos-lhe homenagem
e fazemo-lo com alegria.

Vieram chuvas e torrentes,
mas sempre se manteve forte.
Não se juntou aos trementes,
Porque Jesus era o seu Norte.

Por mais que queiramos dizer,
da realidade ficamos aquém,
pois para nós é referência,
como irmão e amigo também.

Daquilo que está no futuro
não podemos retirar o véu.
Mas aguardamos com saudade o dia
em que queremos vê-lo, no Céu! ✨

IASD da Gândara dos Olivais

Envie os seus textos para:
Revista Adventista (A/C Lara Varandas)
Publicadora SerVir, S. A.
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo
ou para: lara.pservir@sapo.pt



PASTOR Ernesto Ferreira

"Aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre."

14 de abril de 1913



21 de novembro de 2012

- Então, Pastor Ferreira, como se sente?

- Grato e alegre. Só tenho razões para me sentir grato e alegre.

- Olá, Pastor Ferreira, como vai?

- Com Deus, vamos sempre para a frente e para cima!

- Está bom, Pastor Ferreira?

- Estou bem, obrigado, porque Bom há só Um.

quem conhece e partilha todos os momentos possíveis com o Autor e Consumador da sua fé.

O Pastor Ernesto Ferreira foi um personagem incontornável na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Portugal e não só, nos últimos 60 anos. Esta presença permanente e interventiva permitiu que fosse o autor da obra histórica de referência sobre o movimento Adventista no nosso país, publicada no Centenário da Igreja, com o título *Arautos de Boas-Novas*.

Depois da sua conversão ao movimento Adventista, Ernesto Ferreira serviu a Igreja como pastor, missionário, professor e diretor de colégio, administrador e departamental, diretor de revistas denominacionais e autor de artigos e livros. A duração e o alcance da sua obra dificilmente terá paralelo na obra Adventista, considerando que, no próprio ano da sua morte, aos 99 anos, publicou um

Todos aqueles que tiveram o privilégio de conhecer o Pastor Ferreira retêm o testemunho de um pensamento, uma frase, um episódio ou um momento em que se sentiram especialmente tocados ou influenciados por ele. As respostas acima eram dadas pelo Pastor Ferreira àqueles que o cumprimentavam ou interplavavam relativamente ao seu estado de saúde e de ânimo, nos anos finais da sua vida. Elas

estão, em si próprias, cheias de valor e significado; mas só adquirem a plenitude do seu sentido quando nos recordamos de que, nesse mesmo período, o Pastor Ferreira praticamente tinha perdido a sua visão, tinha o andar dificultado por uma violenta queda aos 95 anos e fazia sucessivas crises respiratórias que lhe condicionavam a rotina diária. Mesmo assim, demonstrava um sereno contentamento e a reverente confiança de

livro, deixou pronta a reedição de um outro e selecionou textos para uma coletânea de artigos.

Por todas estas razões, tornou-se numa personalidade conhecida e acarinhada no meio Adventista, bem como apreciada e respeitada entre aqueles que, por ligações de amizade, contactos oficiais e encontros religiosos, fora da esfera Adventista, se cruzaram e relacionaram com ele.

No entanto, a marca e a recordação que o Pastor Ferreira deixou naqueles com quem mais de perto conviveu ultrapassam em muito o valor da sua contribuição para o movimento Adventista. Aqueles que o recordam, referem a sua preocupação com o bem-estar dos seus irmãos na fé, a manifestação de empatia pelos seus problemas e angústias, motivadoras da ação de um verdadeiro ministério de intercessão. É esta característica sempre se apresentou com afabilidade e uma surpreendente capacidade de memorizar os nomes e as situações específicas pelas quais orava, numa demonstração de perseverança que só o amor e o cuidado pelos outros justifica.

Apesar da capacidade intelectual e dos conhecimentos adquiridos pelo Pastor Ferreira, a sua grande motivação na apresentação da mensagem era a de ser compreendido. O centro da sua pregação, falada ou escrita, era Jesus Cristo, pregação que procurava ser sólida nos fundamentos, rigorosa nos factos e perceptível pelos destinatários. Afinal, à profundidade dos seus pensamentos e das suas conclusões conseguia aliar a capacidade de apresentar, com simplicidade, o essencial que originasse a crença, o arrependimento e a entrega ao Salvador – o tema que mais gostava de pregar.

Todas as ocasiões eram uma oportunidade de testemunho para

BIOGRAFIA

“Nascido em 14 de abril de 1913, na Ericeira, Ernesto Ferreira conheceu a Mensagem Adventista em 1938, tendo recebido estudos bíblicos através do Pastor Manuel Leal.

Fez parte do corpo docente do Curso Bíblico, em Lisboa, de 1941 a 1944. Com a aquisição da Quinta de Santo António, em Portalegre, continuou a lecionar, no então Seminário Adventista de Portalegre, nos anos letivos de 1943 a 1945. De 1945 a 1949, exerceu as funções de diretor e professor desta instituição. No ano letivo de 1949-1950 esteve no Seminário Teológico Adventista de Washington D.C., nos Estados Unidos da América.

De regresso a Portugal, foi-lhe confiada a Presidência da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, cargo que desempenhou de julho de 1950 a dezembro de 1957.

De 1958 a 1968, serviu a Igreja como Presidente da União Angolana dos Adventistas do Sétimo Dia. Durante a sua permanência em Angola, além do trabalho de evangelização, teve especial atenção para com os pastores e os membros locais, nomeadamente na formação pessoal e profissional.

Em janeiro de 1969, iniciou-se a sua segunda Presidência à frente

da UPASD, que se prolongou, como Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, de 1972 a 1974. Foi então chamado para Diretor do Departamento de Teologia e Deão do Colégio Adventista de Sagunto, em Espanha, de 1974 a 1977, ano em que retornou, pela última vez, à Presidência da Associação dos Adventistas do Sétimo Dia, até 1979.

Depois da sua aposentação, em janeiro de 1980, ainda exerceu as funções de Diretor do Colégio Infanta D. Joana, em Lisboa (1995-1997).

A vida de Ernesto Ferreira esteve sempre ligada à obra das Publicações em Portugal, tendo sido autor de vários livros e inúmeros artigos. A sua última obra tem como título *A Verdade Cristã* e foi publicada em abril de 2012, já com a idade de 99 anos. Nesse texto, pela primeira vez, deixou registada a sua história pessoal de conversão e teve como motivação a partilha dos fundamentos da sua fé.

Do seu casamento com Irene Vieira, em 1940, nasceu Teófilo Ferreira, casado com Odete Reis, também Pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ernesto Ferreira tinha atualmente dois netos e cinco bisnetos.”

Texto adaptado da biografia incluída na obra *Arautos de Boas-Novas*.



Pr. Ernesto Ferreira em criança.



Pr. Ernesto Ferreira com a sua esposa Irene e o seu filho Teófilo.



“E foi assim que, pelas razões mencionadas ao longo deste livro, ‘fui resgatado da vã maneira de viver que por tradição havia recebido dos nossos antepassados’. I Pedro 1:18.

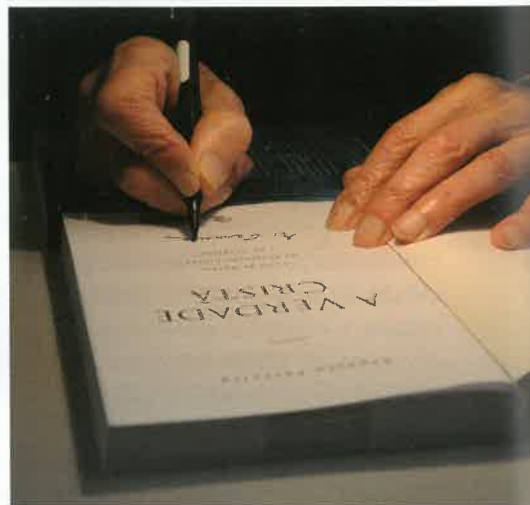
Continuo a respeitar a exemplar sinceridade e vivência religiosa dos meus Pais e restantes membros da Família; dos meus anteriores dirigentes religiosos, professores e colegas de ministério; de numerosos

católicos e evangélicos a quem me sinto ligado por laços de íntima amizade; e, em suma, pelos milhões de crentes que, em todas as coordenadas do Planeta, seguem as suas respectivas religiões ou que, sem que professem qualquer religião, procuram, ansiosamente, preencher o seu angustiante vazio existencial!”

Ernesto Ferreira, nas páginas finais do seu último livro, *A Verdade Cristã*.

o Pastor Ferreira. Tinha a opinião fundada de que os livros de Génesis e Job são essenciais para a compreensão do relacionamento entre Deus e o ser humano, como introdução aos Evangelhos, e até no singelo ato de revelar como o título do seu hino preferido, *Porque Ele Vive* (nº 70 do H. A.), narrava uma bela descrição das razões da fé. Uma certa vez, numa conversa informal entre obreiros e irmãos, foi perguntado ao Pastor Ernesto Ferreira qual o versículo bíblico que escolheria, se tivesse de apresentar um só sermão a uma congregação. Respondeu: “O texto de I João 2:17: *E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre*. A partir deste texto, procuraria expor tudo o que de mais belo a Bíblia apresenta para nos dirigir a Jesus Cristo e, n’Ele, à Salvação.”

Que todo o louvor pela vida e pela obra do Pastor Ernesto Ferreira seja dado Àquele que ele sempre procurou honrar e engrandecer e que nelas cumpriu a Sua promessa: *Mas os que esperam no SENHOR renovarão as forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão*. Isaías 40:31.



- TESTEMUNHOS -

O verdadeiro mestre é, antes de mais, um dedicado discípulo.

Ao tomar conhecimento do falecimento do Pastor Ernesto Ferreira, afluíram-me à memória inúmeras recordações do pastor, professor, conselheiro e amigo, por quem tinha uma grande estima e de quem muito aprendi pela extensão e profundidade dos conhecimentos, silêncios, conselhos e encorajamentos.

Foi um discípulo fiel e dedicado, possuído de profunda e genuína humildade, manifestada e nutrida na relação com o próximo e com o Mestre, a Quem amava e servia com plena dedicação. Esse discipulado exemplar, apesar das limitações humanas, tornou o Pastor Ernesto Ferreira num grande mestre para todos os que tiveram o privilégio de o conhecer e de com ele se relacionar.

Iremos necessitar de algum tempo ainda para podermos avaliar perfeitamente o impacto da vida e do ministério do Pastor Ernesto Ferreira na família Adventista, de aquém e além fronteiras.

Pastor Mário Brito, PRESIDENTE DA UPASD entre 1997 e 2005.

Quem não conhecia o Pr. Ernesto Ferreira? Homem consagrado a Deus, de grande capacidade intelectual e excelente bondade. Quero agradecer publicamente a Deus por tê-lo conhecido. A sua vida foi uma inspiração e uma grande influência para todos nós. O Pr.

Tive o primeiro contacto com o Pastor Ferreira na Igreja do Porto, em 1954, ao pedir-lhe orientação para me preparar para o ministério pastoral. O nosso último encontro teve lugar no LAPI, em Salvaterra de Magos, na antevéspera da sua morte, na partilha de boas-novas sobre a obra do Espírito Santo na vida dos Seus filhos. Deste longo e frutífero convívio, gravou-se na minha mente a convicção de estar na presença de um homem de Deus, incondicionalmente subjugado a Cristo e totalmente consagrado à missão da Sua Igreja. O Pastor Ferreira fica como uma referência de encorajamento e fidelidade, professor exemplar e conselheiro sábio. Salvo as naturais limitações humanas, vejo personalizadas nele e materializadas no seu legado as palavras do salmista: *A misericórdia e a verdade se encontraram, a verdade e a paz se beijaram* (Salmo 85:10).

Pastor Joaquim Dias, PRESIDENTE DA UPASD entre 1992 e 1997.

Ernesto Ferreira adormeceu no Senhor confiando nas palavras de Jesus Cristo: "Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá" (João 11:25).

Pastor António Rodrigues, PRESIDENTE DA UPASD.

Conheci o Pastor Ferreira quando estava a iniciar o meu serviço como administrador na Igreja, em Espanha. Era um jovem pastor com trinta anos e tinha bastante a aprender e a descobrir no ministério da condução de obreiros e na gestão dos assuntos eclesiais. Ora, o Pastor Ferreira tinha-me convidado a visitar algumas das igrejas da União Portuguesa e, nesse itinerário conjunto de dez dias de duração, aproveitei para lhe fazer centenas de perguntas. Com toda a humildade, de uma maneira simples mas profunda, o Pastor Ferreira mostrou-me que receber a autoridade na Igreja, não é uma questão de poder, mas de serviço. Que a Igreja não é uma empresa que "fabrica e distribui" bens espirituais de que os homens necessitam, mas que ela é o organismo humano representante da graça e do amor de Jesus Cristo no mundo. Que clareza, que convicção, que firmeza na apresentação e na defesa, pela palavra e pela escrita, das doutrinas características da nossa Igreja, tinha este homem de Deus! Quanto ele inspirava confiança e segurança na Mensagem Adventista!

Ora, agora que a sua voz se calou, os ouvidos da nossa memória ouvirão por detrás de nós a sua palavra: "Este é o caminho, andai por ele" (Isa. 30:21).

Toda a glória seja rendida a Deus! Que o Senhor continue a abençoar a Sua Igreja em Portugal até ao Seu regresso.

Carlos Puyol, EX-SECRETÁRIO DA DIVISÃO INTER-EUROPEIA.

Vem da minha infância o companheirismo pessoal e espiritual com o Pastor Ernesto Ferreira. O seu despojamento pessoal e a sua perseverança no serviço para Cristo foram sempre uma inspiração.

Dr. Samuel Ribeiro, Diretor da revista *Saúde & Lar*.

OBRAS PUBLICADAS



(1971)



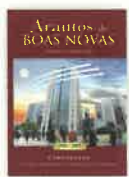
(1987)



(1992)



(2002)



(2008)



(2012)

Passa a semana da Páscoa. Durante os dias desta época, crianças e adultos empenharam-se numa corrida frenética aos supermercados e às lojas para adoçarem o paladar. Ovos de chocolate de todos os formatos e para todos os gostos estiveram disponíveis para serem adquiridos.

Nas culturas ocidentais, a Páscoa é uma das datas comemorativas mais importantes. As pesquisas históricas mostram que foi introduzida em homenagem a um deus teuto-saxónico há muitos séculos, por ocasião da primavera e da época de cultivo. Devido à sua grande fertilidade, o coelho foi tomado como símbolo da Páscoa. No Cristianismo, a Páscoa, tal como se comemora hoje, foi estabelecida por Pio I (143-158 d. C.), bispo de Roma, que fixou a sexta-feira após a Páscoa judaica como o dia para se celebrar a morte de Jesus, reservando o domingo seguinte para o serviço de comunhão em comemoração da Sua ressurreição. Apesar dos protestos que esta decisão de Pio I gerou, no quarto século o imperador romano Constantino, entretanto convertido ao Cristianismo, decretou, no Concílio

CRISTO, NOSSA PÁSCOA

de Niceia (325 d. C.), que a Páscoa fosse observada segundo a tradição da Igreja de Roma.

Entretanto, nós, Cristãos, não devemos transformar a Páscoa numa série de mitos e superstições. Nós temos para comemorar um facto histórico real, escrito com sangue, na Cruz. Essa histó-

ria deve ser contada ao mundo que perece. Caso contrário, a Páscoa não terá sentido, nem merecerá ser comemorada.

Instituição da Páscoa

Nos capítulos 12 e 13 de Êxodo, encontramos a origem e a finalidade da Páscoa. O povo de Israel

tinha passado quatro séculos no cativeiro egípcio e chegara o momento tão esperado da libertação.

Êxodo 12:3-14 descreve detalhadamente as ordens divinas: “Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro, [...] um cordeiro para cada família. [...] O cordeiro será sem defeito, macho de um ano; [...] e o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde. Tomarão do sangue e o porão em ambas as ombreiras e na verga da porta [...]. E naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães asmos e ervas amargas a comerão. [...] Desta maneira a comereis: lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão; comê-la-eis à pressa; é a Páscoa do Senhor.”

Os versículos 12 a 14 mencionam o propósito: “Porque, naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos [...]; quando Eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora. [...] Este dia vos será por memorial.”

A palavra “Páscoa”, em Português, não traduz exatamente a essência do significado dessa festa. Deus disse a Moisés que ordenasse aos Israelitas a celebração anual da Páscoa (em hebreu, *Pesach*, “passar sobre”) como lembrança permanente do livramento dos primogênitos Israelitas.

Eles jamais deviam esquecer-se daquela noite em que o anjo destruidor passou sobre os lares e viu o sangue do cordeiro pascal nos portais das casas dos que tinham observado as ordens divinas.

O cordeiro devia ser preparado de modo a que não lhe fosse quebrado qualquer osso. Assim, nenhum osso do Cordeiro de Deus, que por nós deveria morrer, seria quebrado (Êxo. 12:46; João 19:36). Isto seria uma representa-

ção simbólica da integralidade do sacrifício de Cristo.

O cordeiro devia ser comido com ervas amargas, como recordação do cativeiro egípcio. Quando nos alimentamos de Cristo, devemos fazê-lo com contrição e humildade, por causa dos nossos pecados. O uso de pães asmos (em hebreu, *matzá*) também era significativo. Era expressamente estipulado na lei da Páscoa que nenhum fermento deveria ser encontrado nas casas dos Hebreus, durante a festa.

A dimensão tipológica apontava também para o futuro. O cordeiro fora morto em lugar do primogênito; por isso deveria ser macho (Êxo. 12:5). As religiões pagãs tinham igualmente as suas festas e muitas delas incluíam o sacrifício de animais. Tais sacrifícios, porém, visavam apaziguar a fúria dos deuses, mudar a atitude deles para a tornar favorável aos homens. Era uma espécie de troca: davam para receber. Tal ideia é completamente oposta ao caráter de Deus, não sendo esse o significado dos sacrifícios que Deus ordenou no Antigo Testamento. Todos eles, especialmente o da Páscoa, não tinham como alvo aplacar a ira de Deus, mas “o seu objetivo era dirigir os homens para o Salvador, levando-os assim a estar em harmonia com Deus” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 286). S. N. Haskell menciona que “de todos os sacrifícios registados, nenhum chegou tão próximo da oferta antitípica como aquele requerido de Abraão, quando Deus o chamou para oferecer o seu único filho” (*The Cross and its Shadow*, p. 34).

Desde a entrada do pecado, Deus ensinou de maneira ilustrada o Plano da Salvação. Começando com os altares: “Na porta do Paraíso, guardada pelos querubins, revelava-se a glória de Deus, e para ali iam os primeiros adora-

dores. Ali erguiam os seus altares e apresentavam as suas ofertas” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pp. 84 e 85). Deus ordenou que Moisés construísse um tabernáculo, ou santuário especial, e deu-lhe instruções que se referiam à sucessão das cerimónias anuais que eram de natureza simbólica, sendo uma “sombra das coisas que haviam de vir” (Col. 2:17), prefigurando a vida, a morte, a ressurreição e o ministério de Cristo.

Finalmente, o tipo encontra o antítipo e Jesus surge como a salvação em pessoa. Quando João viu Jesus, exclamou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (João 1:29). No livro de Apocalipse, Jesus é também caracterizado como um cordeiro: “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder” (Apoc. 5:12). Ao escrever aos Coríntios, Paulo explicou-lhes que “Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado por nós” (I Co. 5:7).

Quando Cristo proferiu as Suas últimas palavras, o sacerdote, no Templo, estava para tirar a vida ao cordeiro pascal. Houve terror e confusão repentinos. O grande “véu do santuário se rasgou em duas partes, de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas” (Mat. 27:51). O cordeiro pascal escapou das mãos do sacerdote. Aquele que veio para fazer a vontade de Deus ocasionou a cessação dos sacrifícios, dos holocaustos e das oblações pelo pecado (Heb. 10:10-12. Ver Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 757). Deus rasgou o véu do Templo em duas partes, de alto a baixo, para indicar que tais sacrifícios já não tinham mais valor (Mat. 27:51).

Quando o cordeiro pascal era sacrificado, o adorador Israelita devia lembrar-se de que, por causa dessa morte e desse sangue, ele estava a ser poupado à sua própria morte, estava a ser libertado da es-

cravidão e tinha diante de si, aberto, o caminho para a terra de Canaã. Tudo isto era um símbolo que se cumpriu no sacrifício de Cristo, O Qual nos salvou da morte eterna, nos libertou da escravidão do pecado e abriu, para nós, o caminho da Canaã celestial.

Mas o povo da nova Aliança (Jer. 31:31; Eze. 37:26), do Novo Testamento (Heb. 9:14-17), precisava de outra celebração que lembrasse a morte do Redentor e pusesse diante do Seu povo a esperança de uma terra futura. Para o mundo Cristão, a Ceia do Senhor – solenidade instituída pelo Senhor Jesus nas vésperas da Sua morte – veio substituir a Páscoa judaica. Ao participarmos na Ceia, confirmamos a nossa fé na volta de Jesus a este mundo. Ele, então, nos levará para o Céu, onde, com todos os Seus discípulos de todos os tempos e de todas as partes, celebrará a Ceia das Bodas do Cordeiro (Apoc. 19:9), na qual beberá novamente do fruto da vide.

Significado da Páscoa

A advertência feita aos nossos primeiros pais – “No dia em que dela comeres, certamente morrerás (Gén. 2:17) – transformou-se em sentença. A imortalidade foralhes prometida sob a condição de obediência, mas, pela transgressão, perderam o privilégio de viverem eternamente. Estavam agora condenados à morte. “O Filho de Deus, o glorioso Comandante do Céu, ficou tocado de piedade pela raça decaída. [...]. Entretanto, o amor divino havia concebido um plano pelo qual o homem poderia ser redimido. A Lei de Deus, quebrantada, exigia a vida do pecador. [...]. Visto que a Lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente um Ser igual a Deus poderia fazer expiação pela transgressão” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 63).

Este plano já estava previsto e preparado antes da fundação do mundo, caso o pecado nele entrasse. Os seguintes textos comprovam isso: “o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós” (I Ped. 1:19 e 20); “O mistério que estivera *oculto dos séculos e das gerações*, agora, todavia, se manifestou aos Seus santos” (Col. 1:26); “Segundo o poder de Deus que nos salvou [...] conforme a Sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos” (II Tim. 1:9).

“Deus ia ser manifesto em Cristo, 'reconciliando Consigo o mundo' (II Co. 5:19). [...] Mas Cristo, depois de ter remido o homem da condenação da Lei, poderia comunicar força divina para Se unir com o esforço humano. Assim, pelo arrependimento para com Deus e pela fé em Cristo, os caídos filhos de Adão poderiam mais uma vez tornar-se 'filhos de Deus' (I João 3:2)” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 64). Isto é enfatizado em I Pedro 1:18 e 19: “Não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que foste resgatado [...] mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula [...]”.

A primeira indicação de redenção foi dada na sentença pronunciada sobre Satanás, no jardim: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça e tu Lhe ferirás o calcanhar (Gén. 3:15). Quando Satanás ouviu que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente, compreendeu que, embora tivesse tido sucesso em rebaixar a natureza humana e assemelhá-la à sua própria natureza, Deus – mediante um misterioso processo – restauraria o homem e capacitá-lo-ia

a resistir ao seu conquistador e a derrotá-lo.

Paulo declara que o Pai ofereceu o Seu filho como sacrifício expiatório, como propiciação de Sua santa ira pela culpa humana, porque aceitou Cristo como representante e divino substituto do homem para receber a Sua sentença sobre o pecado.

“Deus estava em Cristo, reconciliando Consigo o mundo” (II Co. 5:19). Que declaração fantástica! O Céu mobilizou-se para resgatar e reconciliar com Deus o Planeta perdido! A palavra “reconciliação” (em grego, *katallage*) pressupõe alienação entre partes que antes estavam unidas. É a restauração de um relacionamento interrompido. Isso é dom de Deus, pois Ele tomou a iniciativa (II Co. 5:18). O feito torna-se ainda mais surpreendente quando nos lembramos de que foi o homem quem causou essa separação.

Assim, Deus é ao mesmo tempo o provedor e o recipiente da reconciliação, a qual se tornou possível unicamente por meio do sangue propiciatório e expiatório do sacrifício voluntário de Cristo (Col. 1:20-22). “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele [...] reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz” (Fil. 2:5-8).

O apóstolo João descreve essa redenção e reconciliação de maneira explícita: “Se, todavia, alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo; e Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro” (I João 2:1 e 2).

“Pecado algum pode ser cometido pelo homem, para o qual não se tenha dado satisfação no Calvário” (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 343). Como escre-

veu Hans LaRondelle: “A morte de Jesus não foi o fracasso trágico de um profeta, mas o resultado necessário da divina providência” (*O que é a Salvação*, p. 24).

A Páscoa e a Certeza da Salvação

Quando Simeão, avançado em idade, viu o menino Jesus ser dedicado a Deus, orou: “Agora, Senhor, podes despedir em paz o Teu servo; porque os meus olhos já viram a Tua salvação” (Luc. 2:29 e 30). Cristo é o Evangelho personificado. O Evangelho (isto é, a boa-nova) da nossa salvação é a revelação de Jesus Cristo como Salvador. É o “poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rom. 1:16).

Entretanto, o facto de que Cristo deveria vir a este mundo duas vezes, a fim de realizar completamente a nossa salvação, gerou um conflito quanto à certeza da mesma – algo que os teólogos designam como “uma tensão inerente entre a dimensão presente da salvação [o já] e a futura [o ainda não]” (Hans La Rondelle, *O que é a Salvação*, p. 11).

“Alguns receiam declarar que têm a certeza da salvação, porque isso parece cheirar a farisaísmo. Será realmente, se a pessoa pensar

que a salvação depende de boas obras e crer que ela é melhor do que o próximo. Não o será quando, conscienciosamente, se crê que a certeza da salvação vem pela aceitação do sacrifício que Cristo fez por nós” (*Revista Adventista*, CPB, janeiro de 1987, p. 13).

O grande reformador Lutero passou por esta experiência. Antes de desenvolver a sua teologia da Cruz, a salvação era para ele o resultado de se obedecer às exigências de justiça da parte de Deus. Tentava com todas as suas forças “expiar” a sua culpa com jejuns e autopunições. Mas, ao entender que a justiça é oferecida e não exigida – e esse presente de Deus é Jesus, – Lutero gloriou-se na Cruz. Ali estava a certeza da sua salvação em oposição a realizações e méritos humanos (Rom. 1:16 e 17; Efé. 2:8-10).

“O âmago do Evangelho não é 'fazer', mas sim 'está feito'! Não é 'faça', mas sim 'creia'. Não precisamos de ser bons para ser salvos. Devemos ser salvos para ser bons. Não somos salvos pela fé e pelas obras, mas pela fé que opera” (Hans La Rondelle, *O que é a Salvação*, p. 66). Hoje, mais do que nunca, é necessário compreendermos a salvação como um processo

e não como um ponto no tempo. A salvação bíblica compreende o passado, o presente e o futuro: eu fui salvo da culpa do pecado (justificação – Rom. 8:1); *estou a ser salvo* do poder do pecado (santificação – Rom. 6:22) e *serei salvo* da presença do pecado (glorificação – I Co. 15:51-54; Apoc. 21:4).

Entretanto, entre o “já” salvo (*da culpa*) e o “ainda não” (*da glorificação*), há uma vida de santificação, a fim de que, guiados pelo Espírito, não percamos a salvação celestial (I Co. 10:12; Heb. 10:26 e 27; e Apoc. 2:10). A salvação não é algo estático, mas é um processo dinâmico continuado.

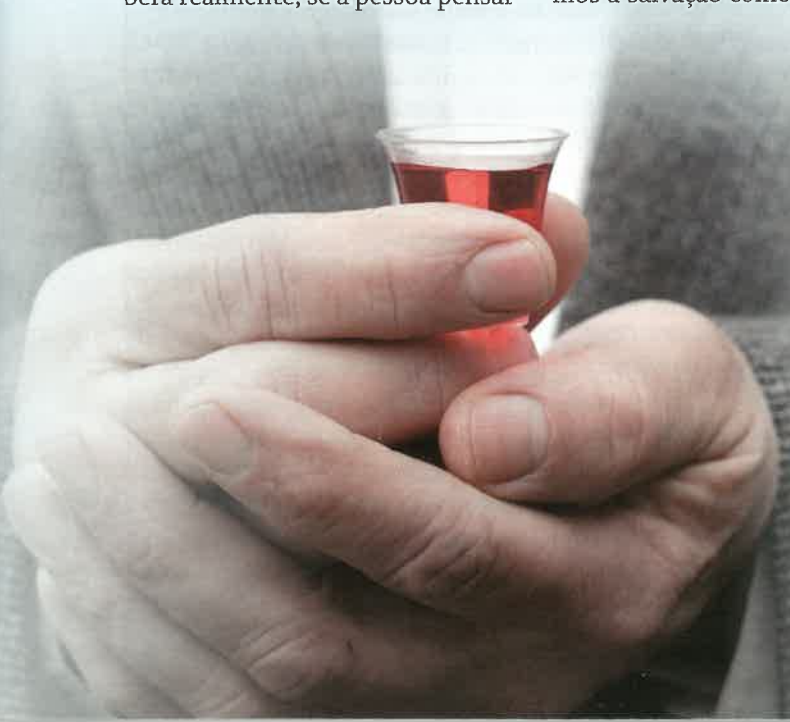
Conclusão

Jesus, a nossa Páscoa, pede que fixemos a nossa mente no Salvador e no Seu sacrifício por nós. Foi um ato de amor imensurável por este mundo alienado (João 3:16).

Assim como “a destruição do faraó e de todo o seu exército no Mar Vermelho, e o cântico do livramento cantado pelos Israelitas, foram típicos do livramento final do povo de Deus deste mundo”, podemos esperar seguros de que “os justos serão erguidos para encontrar o Senhor nos ares, mas os ímpios ficarão mortos sobre a Terra” (S. N. Haskell, *The Cross and Its Shadow*, p. 99). Então Jesus nos conduzirá à terra prometida!

Lembremo-nos: o Senhor não ordena que o Seu povo fixe a Lei nas ombreiras das suas portas. Nenhum de nós jamais obterá a salvação escalando as sinuosas encostas do Monte Sinai. Proteção, segurança e salvação são encontradas noutra monte – o Monte do Calvário, onde Cristo, a nossa Páscoa, foi sacrificado por nós. ✠

• Márcio Nastrini
Editor Associado da Casa
Publicadora Brasileira



Por que razão eu não bebo álcool

De tempos a tempos pode ler-se na imprensa popular que um copo de vinho diário ajuda a prevenir doenças do coração. Para muitas pessoas, isto sustenta a crença comum de que a Bíblia aprova o uso moderado de álcool. Elas interrogam-se sobre a razão de os Adventistas do Sétimo Dia se oporem tão fortemente ao seu uso. Este artigo é destinado a explicar por que razão assim o fazemos, a partir de uma perspectiva tanto bíblica como médica.

Vinho e cerveja no Velho Testamento

Vários termos Hebreus e Gregos que se referem ao vinho e à cerveja são empregues nas Escrituras. São feitas afirmações tanto positivas como negativas acerca destas bebidas. A maioria das referências acerca do vinho, em Génesis, mencionam eventos muito negativos. Noé fica bêbado em Génesis 9, as duas filhas de Lot praticam o incesto com o seu pai após o terem embebedado com vinho (Gén. 19) e Jacob engana Isaac usando comida e vinho (Gén. 27). No entanto, também podem encontrar-se algumas referências positivas ao vinho, como em Números 18:12: “Todo o melhor do azeite e todo o melhor do mosto e do grão, as suas primícias que derem ao Senhor, as tenho

dado a ti.” Habitualmente, os comentários positivos sobre o vinho aparecem, sobretudo, como referência à abundância dos produtos alimentares típicos da Palestina – azeite, cereais e vinho (Deut. 7:13; Jer. 31:12).

No entanto, os comentários negativos persistem: “O vinho é escarnekedor e a bebida forte alvoroçadora; e todo aquele que neles errar nunca será sábio” (Prov. 20:1). A passagem de Provérbios 23:29-35 apresenta uma descrição impressionante dos males do alcoolismo.

E quanto à relação de Jesus com o vinho?

Alguns poderão responder afirmando que isto é apenas uma condenação do abuso do álcool. Afinal, não fez Jesus uma abundante quantidade de vinho nas bodas de Caná (João 2)? De facto, Ele fez cerca de 600 litros de vinho (em grego, *oinos*) para a festa. Contudo, como muitas das afirmações positivas acerca do vinho no Velho Testamento, a referência a *oinos* neste contexto ocorre na descrição de uma festa, em que a abundância de comida e bebida destaca uma ocasião de alegria. Além do mais, note as palavras do mestre-sala, que soam de forma semelhante a um provérbio: “Todo o homem põe primeiro o vinho bom e, quando já

têm bebido bem, então o inferior.” Ele continua, então, de modo revelador: “Tu guardaste até agora o bom vinho.”

Este “dito proverbial” é visto por muitos como uma intuição perspicaz sobre o efeito estupefaciente do álcool. Quando as pessoas começam a beber, elas podem perceber a boa qualidade do vinho. Mas, após elas ficarem bêbadas, todo o vinho tem o mesmo sabor; porquê, então, desperdiçar bom vinho com pessoas bêbadas?

No entanto, esta interpretação perde de vista um elemento-chave na passagem e interpreta erroneamente o significado da comida e da bebida num contexto de festa. O elemento-chave é o facto de que o mestre-sala da festa podia ainda apontar a diferença entre vinho bom e vinho inferior. É óbvio que ele não estava bêbado e também é óbvio que ele tinha estado a beber o que tinha sido servido antes, dado que ele notou a diferença entre o vinho inicialmente servido e o vinho produzido por Jesus.

O significado da comida e da bebida no contexto de uma festa era o de que a abundância fazia parte da alegria. Associada a isto estava uma profunda ênfase tradicional na hospitalidade. Com um tal conjunto de normas sociais, oferecer o “bom vinho” aos convidados no começo da festa seria feito para os honrar.

Além disso, existem casos na literatura grega em que *oinos* é claramente não alcoólico, pelo que é razoável crer que, neste contexto das bodas de Caná, esse foi o tipo de bebida que Jesus produziu.



A conduta cristã

É a abstinência um imperativo moral?

Alguns poderão admitir que, dadas estas explicações, se pode apoiar logicamente o valor de uma vida cristã isenta de bebidas alcoólicas. Mas, está isso fundado num imperativo moral? Vários argumentos combinam-se para sugerir que sim. Primeiro, as estatísticas da Organização Mundial de Saúde apresentam as pesadas consequências que resultam do consumo de álcool. Este é responsável por 1,8 milhões de mortes anuais em todo o mundo (3,2% do total de mortes) e 58,3 milhões de anos de invalidez (4% do total). O consumo de álcool é também responsável por 20 a 30% das mortes a nível mundial devidas a cancro do esófago, cancro do fígado, cirrose do fígado, homicídio, epilepsia e acidentes de viação. O consumo de bebidas alcoólicas está a crescer nos países em desenvolvimento, que não possuem infraestruturas para a prevenção e o tratamento dos problemas associados com os efeitos do álcool. Assim, se mais não fora do que por interesse Cristão pelo nosso próximo, temos a responsabilidade moral de proclamar e ensinar o princípio da abstinência total de álcool.

Estarmos prontos para o regresso de Cristo

Mas há uma razão ainda mais premente para defendermos a abstinência total. É o breve regresso de Jesus Cristo! O Novo Testamento está repleto de avisos para que estejamos alerta e sóbrios, dado que está para breve o regresso do Senhor (Lucas 21:34-36; I Pedro 1:13). Eu chamo a este conceito *temperança escatológica*. Em contraposição a este apelo, o álcool adormece a mente! O seu uso entra em conflito com a instrução de Jesus para estarmos alerta em todo o tempo.

Somos chamados para ser um povo piedoso que pensa, sente e age de acordo com os princípios do Céu. Para que o Espírito recree em nós o caráter de nosso Senhor, nós só nos envolvemos naquelas coisas que produzirão na nossa vida pureza, saúde e alegria semelhantes às de Cristo. Isto significa que as nossas diversões e entretenimentos devem corresponder aos mais altos padrões do gosto e da beleza Cristãos. Embora reconheçamos as diferenças culturais, o nosso vestuário deve ser simples, modesto e de bom gosto, apropriado àqueles cuja verdadeira beleza não consiste no adorno exterior, mas no ornamento imperecível de um espírito manso e tranquilo. Significa também que, sendo o nosso corpo o templo do Espírito Santo, devemos cuidar dele inteligentemente. Junto com adequado exercício e repouso, devemos adotar a alimentação mais saudável possível e abster-nos dos alimentos imundos identificados nas Escrituras. Visto que as bebidas alcoólicas, o fumo e o uso irresponsável de medicamentos e narcóticos são prejudiciais ao nosso corpo, também devemos abster-nos dessas coisas. Em vez disso, devemos empenhar-nos em tudo o que submeta os nossos pensamentos e o nosso corpo à disciplina de Cristo, O Qual deseja a nossa integridade, alegria e bem-estar. (Rom. 12:1 e 2; I João 2:6; Efé. 5:1-21; Fil. 4:8; II Co. 10:5; 6:14-7:1; I Ped. 3:1-4; I Co. 6:19 e 20; 10:31; Lev. 11:1-47; III João 2.)

Os Adventistas do Sétimo Dia Creem, Sacavém, Publicadora Atlântico, 1989, p. 268.

As pessoas, às vezes, perguntam se este ou aquele mandamento bíblico ainda se aplica hoje. Frequentemente, a questão implicitamente supõe que o mandamento em questão já não se aplica. Raramente as pessoas consideram a possibilidade de que alguns mandamentos podem aplicar-se a nós ainda hoje com mais força do que no passado. Eu creio que este é o caso da abstinência do álcool. No mundo mediterrânico antigo, as bebidas alcoólicas existiam, mas, para a maioria das pessoas, elas não estavam disponíveis em grandes quantidades. Além do mais, o seu conteúdo alcoólico não seria maior do que 10 a 15% no caso do vinho (apenas 4 a 6% no caso da cerveja), e o vinho era normalmente diluído com uma a três partes de água no uso comum. A situação é totalmente diferente no mundo dos nossos dias, no qual o álcool está muito mais facilmente disponível e com concentrações

muito mais elevadas, nomeadamente nas bebidas alcoólicas destiladas (normalmente entre 40 a 60%). As estatísticas da Organização Mundial de Saúde contam-nos a triste história dos malefícios que o álcool trouxe e como a sua escura sombra está a espalhar-se por todo o mundo.

Eu sou um Adventista do Sétimo Dia à espera da Segunda Vinda de Jesus! À luz deste grande evento, creio que devo manter a minha mente e o meu corpo prontos e alerta para a ação a qualquer momento. Creio que tenho a responsabilidade de ajudar o meu próximo a preparar-se para o regresso do Senhor. Creio também que um estilo de vida saudável é consistente com as Escrituras e deve ser observado pelo Cristão. É por isso que eu não bebo álcool. ✎

• **Tom Shepherd**

Professor de Interpretação do Novo Testamento

A frequência das refeições e a saúde

○ Espírito de Profecia aconselha a fazer somente duas ou três refeições por dia. No entanto, todos os técnicos ligados à nutrição recomendam um número muito superior de refeições. Qual é a conduta mais correta?

Agradeço que tenha tocado neste assunto em que, aparentemente, o conselho do Espírito de Profecia está errado. Gostaria de começar pelo que sabemos da investigação animal realizada nesta área. Sabemos hoje que a quantidade (em calorias) e a frequência das refeições são aspectos fundamentais de nutrição, que podem ter profundos efeitos sobre a saúde e a longevidade dos animais de laboratório. A **restrição calórica** e a **redução do número de refeições** podem suprimir o desenvolvimento de várias doenças e podem aumentar a expectativa de vida nos roedores.

Muitos dos efeitos benéficos da restrição calórica e do núme-

ro reduzido de refeições (jejuns intermitentes) parecem ser mediados pelo sistema nervoso. Por exemplo, os **jejuns intermitentes** resultam na produção acrescida, pelo cérebro, de BDNF (*brain-derived neurotrophic factor*), o qual aumenta a resistência dos neurônios à disfunção e degeneração em modelos animais de doenças neuro-degenerativas; este fator (BDNF) parece também mediar efeitos benéficos na regulação do metabolismo da glicose e na função cardiovascular.¹

Nos seres humanos, o consumo excessivo de calorias está associado ao aumento da incidência de doença cardiovascular, diabetes e alguns tipos de cancro, e é uma

causa principal de incapacidade e morte nos países industrializados. Por outro lado, a influência do número de refeições sobre a saúde humana e a longevidade não é clara, porque não existem estudos. Aparentemente...

Os defensores de um número superior de refeições argumentam que, deste modo, existe uma aceleração do metabolismo, levando a uma melhoria do metabolismo dos glicídios e lípidos, com uma consequente perda de peso (pela eliminação de gorduras) e favorecendo a manutenção da massa muscular.

Estudos muito recentes têm vindo a desmentir estes pressupostos. Num desses estudos, escolheram-se dois grupos de pessoas



com excesso de peso, e, durante oito semanas, facultaram-se-lhes dietas hipocalóricas (para promover a perda de peso) exatamente iguais. A única diferença era o número de refeições por dia: um grupo consumia três refeições por dia, enquanto o outro comia a mesma quantidade de comida em seis refeições diárias. No final, todos tiveram uma perda de peso semelhante, demonstrando que não havia qualquer vantagem no aumento da quantidade de refeições. Além disso, o estudo também mostrou que não havia nenhuma diferença na perda de gordura, nem no controle do apetite, nem qualquer alteração do metabolismo.²

Foram ainda realizados estudos com diabéticos que concluíram que mesmo este grupo particular não obtém qualquer vantagem metabólica (glicídios e lípidos) ao fazer múltiplas refeições diárias.³

Por outro lado, em várias partes do mundo, mais do que um estudo demonstrou que o aumento da frequência das refeições levava a um aumento do risco do cancro do cólon.⁴

Ainda neste campo, investigadores italianos realizaram um estudo no qual, em comparação com indivíduos que apenas faziam duas refeições por dia, havia um

aumento do risco de cancro do cólon de cerca de 40% para quem consumia três refeições diárias, e de 90% para quatro ou mais refeições por dia. Estes resultados surpreendentes não estavam relacionados com o tipo de dieta nem com outros fatores de estilo de vida. O aumento do número de refeições era o único responsável pelo risco acrescido.⁵

Também sabemos que entre os Adventistas do Sétimo Dia que têm sido objeto de extensos estudos (Adventist Health Study), existe um grupo que segue geralmente o padrão de duas refeições por dia, consumindo a sua refeição final a meio da tarde. Este padrão resulta num período mais longo entre o jantar e o pequeno-almoço (jejum intermitente), que pode ser biologicamente importante para a função cerebral e cardiovascular (de acordo com os resultados dos estudos com animais).⁶

Estes Adventistas têm uma esperança de vida maior do que os outros californianos, o que tem sido atribuído a uma baixa taxa de tabagismo, dieta vegetariana, e vários fatores de estilo de vida. No entanto, inexplicavelmente, a relação entre a frequência das refeições e a longevidade entre os Adventistas do Sétimo Dia nunca foi estudada.

Estas são indicações fortes para corroborar o que diz o Espírito de Profecia: “O costume de comer apenas duas vezes por dia, em geral, demonstra-se benéfico à saúde; todavia, sob certas circunstâncias, algumas pessoas poderão ter necessidade de uma terceira refeição. Esta, porém, deve ser muito leve, e de comida de fácil digestão” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 321).⁷

• Dr. Joel Monteiro

Médico Estomatologista

Diretor Adjunto do Departamento de Saúde e Temperança da UPASD

1. M. Mattson, “Energy intake, meal frequency, and health: A Neurobiological Perspective”, *American Journal of Clinical Nutrition*, vol. 86, no. 4, October 2007, pp. 1254 e 1255.
2. J. D. Cameron, M. J. Cyr, E. Doucet, “Increased meal frequency does not promote greater weight loss in subjects who were prescribed an 8-week equi-energetic energy-restricted diet”. *Br. J. Nutr.*, 103(8), 2010, Apr., pp. 1098-1101.
3. L. Arnold, J. I. Mann and M. J. Ball, “Metabolic effects of alterations in meal frequency in type 2 diabetes”. *Diabetes Care*, Vol. 20, Issue 11, 1997, pp. 1651-1654.
4. M. G. de Verdier, M. P. Longnecker, “Eating frequency – a neglected risk factor for colon cancer?” *Cancer Causes Control* 3(1), Jan. 1992, pp. 77-81; J. D. Potter, A. J. McMichael, “Diet and cancer of the colon and rectum: a case-control study”, *J. National Cancer Institute* 76(4), April 1986, pp. 557-569.
5. S. Franceschi, C. La Vecchia, et al. “Meal frequency and risk of colorectal cancer”. *Cancer Research* 52, July 1, 1992, pp. 3589-3592.
6. Caleb J. Kelly, “A controlled trial of reduced meal frequency without caloric restriction in healthy, normal-weight, middle-aged adults”, *American Journal of Clinical Nutrition*, vol. 86, no. 4, October 2007, pp. 1254 e 1255.



A Igreja Adventista na República Checa assina acordo para a receção de 35 milhões de Euros em compensações

A Igreja Adventista do Sétimo Dia na República Checa irá receber do Estado 1 milhão e 150 mil euros, anualmente, durante os próximos 30 anos, em consequência de um acordo assinado pelos líderes da Igreja e o Primeiro-Ministro Petr Necas, em 22 de fevereiro de 2013, em Praga. O Pastor Adventista Mikuláš Pavlík, Presidente da União Checo-Eslovaca, foi um dos diversos dirigentes de várias organizações religiosas que assi-



naram um acordo com Necas. “Assinar este acordo significa que o processo legal foi completado e que agora se inverteu o dano patrimonial cometido pelo regime comunista contra a Igreja Adventista do Sétimo Dia”, disse Pavlík. Os pagamentos destinam-se a compensar a Igreja pela perda de propriedades expropriadas pelo antigo regime comunista em 1948. Esse regime colapsou na

sequência da famosa “Revolução de Veludo”, ocorrida em 1989. Algumas propriedades imobiliárias podem também ser devolvidas à Igreja Adventista do Sétimo Dia, que se encontra entre as 16 organizações religiosas – incluindo as comunidades Judia, Protestante e Católica – que partilharão um acordo de reparação no valor de 2 mil milhões e 370 milhões de Euros, pagos pelo governo checo. O Primeiro-Ministro Necas chamou ao acordo “um ato de justiça”. Os líderes Adventistas em Praga disseram que a Igreja tinha perdido propriedades no valor de 40 milhões de euros quando o regime comunista se apoderou dos bens imobiliários da Igreja em 1952. “O acordo de reparação é um grande sinal de democracia e de liberdade religiosa na República Checa. A Igreja Adventista do Sétimo Dia agradece às autoridades do país por este desenvolvimento positivo”, disse Bruno Vertallier, Presidente da Divisão Inter-Europeia.

ANN/RA



Voluntários de quatro Hospitais Adventistas proveem cuidados médicos nas Honduras

Mais de trinta médicos e paramédicos, representando os quatro hospitais do Sistema de Saúde Adventista do Midwest, trataram mais de 1200 pacientes nas Honduras, entre 20 e 27 de janeiro de 2013. Esta equipa agiu em parceria com o Hospital Adventista de Valle de Angeles, uma instituição médica localizada na cidade de Valle de Angeles, que fica a uma hora da cidade capital das Honduras, Tegucigalpa. Este pequeno hospital tem sido um dos Parceiros Globais de Saúde Adventista Internacional desde 2005. O grupo que partiu em

missão compunha-se de três equipas. A equipa clínica era composta por médicos, enfermeiros e paramédicos, tratando os pacientes necessitados de cuidados médicos. A equipa de farmácia proveu vitaminas e outros medicamentos aos pacientes. A equipa de animação infantil manteve as crianças da comunidade, então em férias escolares, entretidas com atividades lúdicas e espirituais. Dois dos médicos da equipa – o Dr. Ted Suchy, cirurgia ortopédico, e a Dr.^a Lanny Wilson, obstetra e ginecologista – puderam realizar cirurgias no Hospital Valle

de Angeles. Voluntários do Sistema de Saúde Adventista do Midwest têm realizado este tipo de viagens desde 2006, deslocando-se para locais necessitados de auxílio médico, tais como a Costa Rica, o Equador, o Gana e as Honduras. “Estas viagens em missão proveem ajuda que é bastante necessária e permitem-nos alargar a nível internacional o ministério curador de Cristo”, disse John Rapp, vice-presidente dos ministérios e da missão do Sistema de Saúde Adventista do Midwest.

ANN/RA

II Convenção “Geração Adventista em Missão”

Decorreu na cidade de Coimbra, entre os dias 8 e 12 de fevereiro, a II Convenção Geração Adventista em Missão, subordinada ao tema “Até ao Fim”, com base no texto do Salmo 119:112.

Um ano depois do primeiro evento deste tipo, esta Convenção tinha como objetivo renovar e consolidar a dinâmica que fora proposta aos participantes e, refletindo a essência deste movimento, incentivar os jovens e jovens adultos para uma prática constante da missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Cerca de 340 participantes, não apenas Portugueses, mas também alguns do estrangeiro, puderam desfrutar durante cinco dias de pregações inspiradoras, momentos únicos de oração em união, seminários formativos onde foram abordados temas relacionados com a saúde, o estilo de vida, o namoro, a música, a missão, as profecias e outros, num saudável espírito Cristão de convívio e partilha. Foi também realizado um esforço missionário de rua, que foi grandemente motivador para todos.

Como oradores principais, estiveram o Pr. Jay Rosario, que exerce o seu ministério na Califórnia, EUA, e o Dr. Jan-Harry Cabungcal, um neurocientista residente na Suíça, que também trabalha como missionário leigo.

Todas as pregações apresentadas andaram à volta da temática da Convenção, apelando a um compromisso cada vez mais forte com Jesus e com a Sua obra. A presença do Espírito do Senhor foi evidente nas 35 decisões para o batismo que surgiram em resultado do apelo final, após a apresentação de uma das palestras.

A Convenção foi também acompanhada por muitas pessoas que não puderam estar em Coimbra, através da transmissão em direto *online* e da emissão da Rádio Clube de Sintra.

A saída missionária para as ruas de Coimbra resultou na distribuição de 474 Bíblias (versão “Bíblia Para Mim”) e 490



folhetos “O Grande Amor de Deus”, além de dezenas de outros contactos com pessoas que manifestaram interesse em estudar a Bíblia. Estas pessoas serão acompanhadas pela igreja de Coimbra, que desde o primeiro momento colaborou intensamente na realização da Convenção.

A III Convenção “Geração Adventista em Missão” já está a ser preparada e, por certo, voltará a contar com muitos participantes que estiveram em Coimbra e que gostaram de participar.

A Direção Organizadora

Halal Festival 2013



Depois de vários anos em Portugal sem a realização de um Festival do Hino entre a comunidade Adventista, o Serviço de Música e Liturgia apostou no ressurgimento desta atividade. A Igreja Adventista de Santarém foi o local escolhido para a realização deste evento. Com a colaboração de um júri composto por vários músicos, o Serviço de Música e Liturgia selecionou oito composições musicais para este festival. Embora se chamasse Festival do Hino, não

foi atribuída qualquer classificação, mas ficou a possibilidade de as músicas serem editadas brevemente em CD. A organização contou ainda com a colaboração de jovens da igreja de Cascais na parte logística, bem como da ADRA Portugal, que apadrinhou a iniciativa. O *Halal* Festival, segundo o Pr. José Lagoa, “foi uma excelente oportunidade para o aparecimento de novos talentos e de mais música cristã de adoração”.

Serviço de Música e Liturgia da UPASD

Curso de homilética na igreja de Quarteira

Nos dias 25 e 26 de janeiro do corrente ano teve lugar, na igreja de Quarteira, um curso para pregadores, ministrado pelos Pastores Alessandro Brachmann e Luís Fonseca. Esta formação destinou-se não apenas a iniciar pregadores sem experiência, mas também a aperfeiçoar as técnicas dos pregadores mais experien-

tes. Este curso foi muito bem recebido pelos crentes do Algarve, tendo estado presentes 32 pessoas, de todas as igrejas da região. A formação incidiu, no primeiro dia, nos processos de pesquisa e organização dos vários tipos de sermão e, no segundo dia, nos vários modos de apresentação do sermão. No segundo

dia houve um momento especial, em que dois dos irmãos presentes tiveram a oportunidade de pregar pela primeira vez. Temos a certeza de que esta iniciativa contribuirá para o aperfeiçoamento, na arte da pregação, dos membros leigos das igrejas do Algarve.

Elton C. Oliveira
Diretor de Comunicações da IASD de Quarteira

Encontros de formação dos Ministérios da Mulher



Norte



Centro



Lisboa e Vale do Tejo

Nos dias 10 e 17 de fevereiro, as responsáveis nacionais pelos Ministérios da Mulher da UPASD realizaram encontros de formação com as Diretoras locais dos Ministérios da Mulher das Regiões Eclesiásticas de Lisboa e Vale do Tejo, Norte e Centro. No mês de abril realizar-se-ão os encontros de formação para as Regiões do Alentejo e Algarve.

Sabendo que cada uma de nós é valiosa para o Senhor, fomos desafiadas a Viver+... Mulher. Para Viver+ cada um dos

ministérios de Mulher, Esposa, Mãe e Missionária teremos de, à semelhança de Débora, subir ao Monte Tabor e receber de Deus a garantia da vitória. É certo que a obra é grande e os desafios imensos, mas “Não saiu o Senhor adiante de ti?” (Juízes 4:14). Que as mulheres Adventistas possam obter de Deus a vitória, vivendo de acordo com os Seus planos o ministério que Ele confiou a cada uma.

Milu Cordeiro e Raquel Almeida
Direção dos Ministérios da Mulher da UPASD

Encontro de Líderes na Costa de Lavos



O Departamento da Juventude Adventista em Portugal organizou no domingo, 17 de fevereiro, na Costa de Lavos, um Encontro de Líderes, tendo participado muitos dos dirigentes que, ao longo dos anos, têm trabalhado com a ju-

ventude em Portugal. Durante todo o dia, os líderes refletiram sobre vários temas, sempre com o foco apontado para se melhorar as condições do trabalho com e para os jovens. Para o Pr. Pedro Esteves, Departamental da juventude da UPASD, este encontro serviu, sobretudo, para juntar várias gerações de líderes e partilhar experiências. Neste encontro também esteve presente, como convidado especial, o Pr. José Carlos Costa, que teve a responsabilidade de liderar a juventude Adventista em Portugal nos anos 90. No final,



como forma de compromisso, todos os líderes se juntaram em oração, entregando cada um o seu ministério nas mãos de Deus, certos de que eles e todos os que ali não estiveram poderão ser grandemente abençoados para continuarem a liderar a juventude Adventista em Portugal.

Departamento da Juventude Adventista da
UPASD

Descansou no Senhor

UPASD

Teresa Almeida Nunes Caprichoso

Faleceu a 8 de fevereiro do corrente ano, em consequência de doença prolongada, a irmã Teresa Almeida Nunes Caprichoso. Nascida a 4 de julho de 1949, na cidade de Tomar, freguesia de S. João, viu-se privada do seu pai com a tenra idade de dois anos. Viveu com a sua mãe em Tomar até à maioridade, sempre apoiada e acompanhada pela sua avó paterna e pela sua

madrinha. Por volta dos 20 anos, decide ir até Angola em busca de novas oportunidades, tendo aí conhecido aquele que viria a ser o seu marido. Foi também em Angola que conheceu a mensagem Adventista, tendo-se batizado em março de 1972. Casou a 23 de julho de 1972 com Horácio Caprichoso, de quem teve dois filhos: Marta e Joel, acolhendo mais tarde Hugo como seu filho. A irmã Teresa Caprichoso foi, durante muitos anos, obreira na

obra do Senhor, tendo começado o seu ministério em 1972. Trabalhou primeiro na União Angolana, de 1972 a 1975, e depois na UPASD, de 1975 até 2005. O seu falecimento foi grandemente sentido por todos os que a conheciam, mas temos a esperança de a rever na manhã da ressurreição. Aos seus familiares enlutados, deixamos as nossas condolências.

Redação da RA



A matemática de Deus

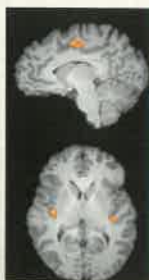
2ª
parte

Quando a matemática causa sofrimento

Sei por experiência própria, como aluno e como professor, o quanto a matemática pode causar sensações incômodas. Lembro-me de um aluno em particular, que decidiu fazer o seu curso universitário com mais de 50 anos. Após vários insucessos na disciplina de matemática, resolveu recorrer a um explicador. Eu fui esse explicador.

O meu explicando acabou por ter êxito, mas, alguns anos depois, numa ocasião em que o visitei, contou-me a sua sensação de angústia antes das nossas sessões de explicação. Lembrei-me dele ao ler um artigo, que acaba de ser publicado, com o título: “Quando a Matemática Dói: A ansiedade causada pela Matemática permite prever a ativação de mecanismos de dor, como resultado da expectativa de enfrentar problemas matemáticos.”¹

Este artigo descreve experiências em laboratório que comprovaram que a ansiedade provocada por temas matemáticos provoca padrões de ativação no cérebro semelhantes aos da dor (ver imagem – os pontos laranja revelam a atividade cerebral). Agora entendo ainda melhor o que o meu aluno



sentia antes das nossas sessões de trabalho. Porém, para esta série de artigos, não é necessária ansiedade, nem dor. Apenas curiosidade e abertura de espírito para ir mais fundo no entendimento dos números que a Bíblia contém.

Matemática da Bíblia em livros

A literatura sobre o tema da matemática na Bíblia é extensa, mas relativamente obscura. Consegui localizar cerca de dez livros sérios sobre o assunto. Mas estes livros não são do tipo de livro que se encontra numa livraria comum e nenhum deles tem tradução para Português.

Os livros mais comuns sobre o assunto assumem uma linha mística e, em alguns casos, mesmo cabalís-

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

tica, defendendo, por exemplo, a existência de mensagens escondidas no texto bíblico e outras ideias estranhas e sem fundamento. Esses, infelizmente, são fáceis de encontrar em qualquer livraria.

Códigos na Bíblia?

Um dos livros desse tipo que fez mais sucesso tem por título *O Código da Bíblia* e tem edição em Português.² Não satisfeito com publicar um livro, o escritor tem atualizado as suas análises e já vai no *Código da Bíblia III*.

O método utilizado pressupõe que a Bíblia esconde textos em código, que podem ser revelados

selecionando letras igualmente espaçadas.³ Por exemplo, começa-se a ler o texto, mas vão-se saltando letras de 4 em 4 e ignorando as letras que ficam no meio.

Na figura abaixo apresenta-se um exemplo de como se pode encontrar a palavra “Roswell” (um local nos Estados Unidos famoso pela suposta manifestação de fenómenos OVNI), aplicando este método a Génesis 31:28.

Acontece que céticos em relação ao tema – como é o caso do

G H T E R S T H O U H A S T N O W D O N E P O O L I S H Y I N S

matemático Australiano Brendan McKay – aplicaram as mesmas técnicas a outros livros. Por exemplo, na obra clássica *Moby Dick*⁴ encontraram o mesmo tipo de mensagens, tendo ficado demonstrado que se trata apenas de um tema estatístico – dado um número suficiente de palavras, probabilisticamente iremos sempre encontrar sequências que, por acaso, correspondem a palavras ou frases com significado.

Esse matemático mostrou casos em que se podia encontrar o nome do autor do livro *Código da Bíblia* próximo da palavra “Mentiroso”.⁵

A verdade não está escondida

Quero deixar bem claro que, quando me surpreendo e fico interessado pela matemática da Bíblia, não penso em códigos escondidos, mas sim em mensagens bem visíveis. Estou preocupado com o modo como podemos utilizar o valor da matemática da Bíblia para o nosso crescimento espiritual. Precisamos de separar o trigo do joio para podermos aprender muito com os números bíblicos e torná-los proveitosos para o nosso crescimento espiritual.

Os números de Deus

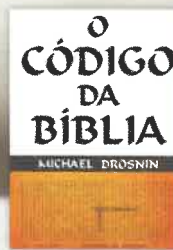
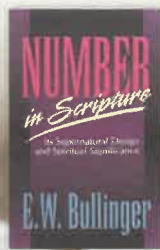
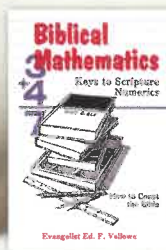
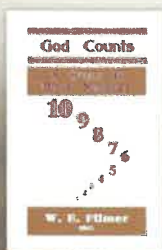
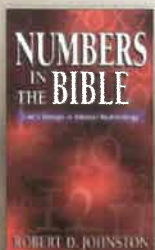
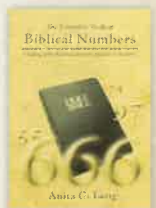
No mês passado, discutimos a questão “Será Deus um Matemático?”, tendo concluído que “Deus também é o grande Matemático”. Afirmámos, assim, a nossa admiração por Aquele que criou tudo o que existe e que, no caso da matemática, vamos desbravando aos poucos. Pois bem, não só Deus é o Matemático por excelência, como a matemática se encontra também presente na Palavra de Deus. Numa grande quantidade de textos encontramos o uso de números, seja denotando grandezas reais, seja comunicando quantidades de tempo reais ou proféticas.

O que podemos aprender com os números incluídos na Palavra de Deus? Terão algum significado especial? Como defender a Palavra de Deus de interpretações místicas cada vez mais populares, que pretendem encontrar mensagens escondidas e fantásticas na Bíblia? Como separar a verdade do erro?

Sei que logo que pensamos a este respeito, pensamos em números famosos, como 666, ou 144 000. Também falaremos desses números. Quero, no entanto, mostrar-vos que existem muitos mais números interessantes na Bíblia. Este mês, quero iniciar a viagem pelo princípio. Começemos pelo número 1.

O número 1

De acordo com a obra intitulada *O Livro Completo dos Números Bíblicos*,⁶ a Bíblia menciona o número 1 mais de 2500 vezes. O 1 é o número da união. É também o número que representa o início. É independente de todos os demais. No seu sentido mais sublime, o número 1 representa o próprio Deus: “... *nosso Deus é o único SENHOR*” (Deuterónimo 6:4). É um número muito utilizado pelo





próprio Senhor Jesus, como, por exemplo, em João 10:30, onde Jesus afirma: “Eu e o Pai somos um.”

Em Efésios 4:4-6, o número 1 é o protagonista: “Há *um* só corpo e *um* só Espírito e *uma* só esperança [...] Há *um* só Senhor, *uma* só fé e *um* só Batismo. E há somente um Deus e Pai de todos.” Jesus também orou para que os Seus discípulos fossem como um, em João 17:21 e 22.

Logo no início, foi instituído o casamento com a lógica de $2 = 1$: “Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gênesis 2:24).

Conclusão – O início de tudo

Como vimos, existe muita confusão sobre este tema dos números e a sua interpretação na Bíblia, mas não podemos deixar que a confusão nos impeça de ver o que é verdadeiro, claro e enriquecedor.

Se consultarmos as fontes sérias, vamos evitar interpretações estranhas ou místicas e não fundamentadas. É interessante compararmos a perspectiva do mundo, da nossa cultura popular, com a perspectiva bíblica.

O número 1 na cultura popular significa vitória, o primeiro lugar, ser melhor do que os outros. Mas, na Bíblia, como vimos, o número 1 assume significados bem diferentes: Ele representa a união, o início de tudo e simboliza o próprio Deus.

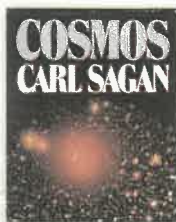
O astrónomo Carl Sagan afirmou no seu livro *Cosmos* que “O Cosmos é tudo o que existe, alguma

vez existiu ou que alguma vez existirá”.⁷ Na nossa perspectiva bíblica, discordamos. Preferimos acreditar que o Cosmos teve um início, que o número 1 representa, e defendemos que “Os céus – o Cosmos – declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos” (Salmo 19:1).

Vamos conhecer mais números bíblicos e os seus significados nos próximos meses. ✦

• **Miguel Mateus**

Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrónica;
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business
and Administration



1. Tradução livre do título do artigo, em Inglês: “When Math Hurts: Math Anxiety Predicts Pain Network Activation in Anticipation of Doing Math”, publicado na revista *PLOS One*, 31 de outubro de 2012. Pode ser consultado no site: <http://www.plosone.org/article/info:doi/10.1371/journal.pone.0048076>.
2. Michael Drosnin, *O Código da Bíblia*, Editora Cultrix, 1997.

3. O termo técnico em Inglês é ELS (*Equidistant Letter Sequences*).
4. Romance escrito pelo escritor Americano Herman Melville.
5. “Liar” no original em Inglês, que significa “mentiroso”.
6. Anita Long, *The Complete Book of Biblical Numbers*. Em Português seria: *O Livro Completo dos Números Bíblicos*, sem edição em Português.
7. Carl Sagan, *Cosmos*, Grádiva, p. 4.

LIBERDADE RELIGIOSA: *a responsabilidade do* **testemunho**

Na minha experiência ao serviço da Igreja na área da liberdade religiosa, tenho tido a oportunidade de testemunhar em favor de irmãos nossos, que, demitidos por se recusarem a trabalhar ao Sábado, recorrem à Justiça para verem os seus direitos reconhecidos.

Numa dessas ocasiões, ouvi uma frase que me deixou surpreendido e incrédulo, inserida nas alegações finais do advogado de defesa da empresa em juízo. Após as alegações do advogado da nossa irmã, fazendo apelo à essência dos direitos de liberdade de religião, culto e consciência, respondeu o dito advogado com o argumento de que, se a empresa em questão autorizasse a exceção de não trabalhar ao Sábado à sua funcionária, as restantes reclamariam o mesmo. Como cúmulo do raciocínio, invocou a desordem que daí adviria, se todas requeressem o direito a “ir buscar os filhos à escola” ou “sair mais cedo para arrumar a casa”.

E assim, com perplexidade, percebi que até os defensores e promotores da lei poderão precisar de compreender o precioso fundamento das liberdades fundamentais, distinguindo-as, pelo menos, do direito – respeitável, todavia – ao cumprimento das tarefas quotidianas.

Não foi por acreditar no otimismo antropológico que esta situação me causou perplexidade, já que sobre isso nos desengana a Palavra de Deus, avisando-nos a confiar no Senhor em vez de nos homens (Jeremias 17:5, 7). Mas surpreendeu-me, de facto, que, num local por excelência de discussão e aplicação da lei e da justiça, se tratasse tão levemente o mais fundamental dos direitos individuais – o da liberdade de consciência.

Refletindo sobre o assunto, percebi, contudo, que até mesmo o que reclama esse direito pode não estar à altura de o viver e dele testemunhar devidamente. Afinal – e após muitas experiências de humildade intelectual no tratamento destes

como embaixador deste princípio, fazendo-se espetáculo diante do mundo (I Coríntios 4:9).

Quem, perante os desafios que se nos apresentam, como indivíduos, comunidade e geração, aceitará tal responsabilidade? Antes de responder, prezado irmão, prezada irmã, convido a que me acompanhe numa reflexão sobre a consciência e a responsabilidade do Cristão. E nada como uma grande história, de um grande homem, para começar.

Uma invulgar integridade

O século XVII, se olhado superficialmente, correria o risco de ser visto na história dos movimentos político-religiosos como um interlúdio entre o século da Reforma

Quem, perante os desafios que se nos apresentam, como indivíduos, comunidade e geração, aceitará tal responsabilidade?

temas – vou percebendo que a procura da liberdade religiosa como um direito, que pertence a cada indivíduo pela sua condição e dignidade de homem, traz com ela a responsabilidade de se ser visto

Protestante e da Contra-Reforma Católica (século XVI) e o século das Revoluções Americana e Francesa (século XVIII). No entanto, a turbulência interna em vários países europeus por motivos religiosos, a

Guerra dos Trinta Anos na Europa e o êxodo dos Pais Peregrinos para o Novo Mundo ofereceram palco a um conjunto de personalidades e ideias que foram determinantes no avanço da tomada de consciência do valor da liberdade religiosa. Um destes grandes vultos foi o teólogo, escritor e estadista Roger Williams. Ele ficaria na História pela sua defesa intransigente de três princípios, revolucionários para a época e que tanto sentido faz discutir na atualidade: o de que o Cristianismo é uma religião que apregoa a liberdade, o de que a Igreja e o Estado devem manter-se separados e o de que as pessoas são responsáveis pelo governo de si próprias.¹

Nascido em Gales, na Grã-Bretanha, e tendo-se tornado num eminente teólogo e académico, Roger Williams foi perseguido pela

Igreja Anglicana e forçado a ser um dos Europeus que procurou refúgio e liberdade no Novo Mundo, o continente americano, na década de 1630. No entanto, pouco tempo após ter chegado e assumido responsabilidades públicas na colónia de Massachusetts, Williams entrou em choque com os responsáveis puritanos da colónia, por discordar dos métodos opressivos com que puniam a desconformidade do pensamento e dos atos dos cidadãos para com os preceitos religiosos instituídos. Esta sua tomada de posição, aliás, alargou-se a discordâncias que não apenas as de disciplina eclesiástica, denunciando a atuação das autoridades locais, nomeadamente “pela expropriação de terras pelo rei sem o devido pagamento aos Índios, a não separação entre o Estado e a Igreja,

a manutenção do direito à liberdade de expressão e a sua negação do direito à ação dos governantes em matérias que dizem respeito à relação entre o homem e o seu Deus, o que passou a ser a obsessão da sua vida”.² Passou a ser a obsessão da sua vida... E assim nasceu a liberdade religiosa, como princípio autónomo, fundacional de um verdadeiro Estado de Direito, que iria ter a sua consagração nos textos constituintes dos Estados Unidos da América.

Tão grave se tornou a discordância de Roger Williams com as autoridades político-religiosas de Massachusetts, que acabou por ser julgado e banido da colónia, no ano de 1636. Por estar doente e se



aproximar o inverno, os dirigentes puritanos adiaram a sua expulsão, acontecimento pelo qual Williams não esperou. Precisamente no início de uma violenta tempestade de neve, evadiu-se do cárcere e arriscou a vida na agreste floresta. O que passou, nas suas palavras, é inimaginável, mas não deixou de registar por escrito, simbolicamente, Quem o susteve: “Durante catorze semanas fui dolorosamente torturado pelas inclemências do tempo, sem saber o que era pão ou cama. Mas os corvos alimentaram-me no deserto.”³ Ellen White oferece-nos uma impressiva precisão relativamente a estes duros dias da vida de Williams, revelando que “uma árvore oca lhe serviu de abrigo” durante este período.⁴

Convencido de que a posse das terras do Novo Mundo pertencia aos nativos e de que era injusta a sua expropriação pela conquista, Roger Williams tivera a preocupação de aprender a língua indígena e promover o bem-estar das tribos com que se cruzava, num genuíno

cuidado Cristão, revolucionário para a época.⁵ Foi deste relacionamento que lhe surgiu a ideia de procurar ajuda e refúgio na região das tribos dos *Narragansett*. Assim, em 1636, e após usufruir da sua hospitalidade, negociou e adquiriu territórios suficientes para fundar uma cidade, a que, num gesto pleno de gratidão, chamou *Providence* (Providência).

Na cidade de Providence, Roger Williams, que entretanto fundou a Primeira Igreja Batista Americana, estatuiu e anunciou que o regime político e civil estaria separado da autoridade religiosa, e que aquela colónia seria um “asilho para os oprimidos de todos os credos ou de nenhum, abrigo para os perseguidos por motivos de consciência”.⁶ Como consequência, e ao longo do tempo, expatriados e refugiados, vindos da Europa e de outras colónias americanas, perseguidos por questões de fé, dirigiram-se para estes territórios e, juntos, com esperança na bondade destes princípios, fundaram a colónia americana de Rhode Island.

Já perto do final da sua vida, Roger Williams teve de enfrentar um novo desafio ao seu carácter. Depois de um seu opositor conseguir do rei de Inglaterra uma concessão dos territórios de Rhode Island, Williams vendeu o seu entreposto comercial – a sua única fonte de rendimento – para pagar a deslocação a Inglaterra e garantir a posse da colónia, assegurando, ao mesmo tempo, que os princípios em que a fundara se manteriam para todos os seus habitantes.

Para a História, mais do que os episódios de coragem e audácia de um homem, fica o seu testemunho de confiança em Deus e de fidelidade aos princípios em que acreditava. Acreditava nestes princípios, antes de mais, pela certeza colocada na Palavra de Deus, que lhe trazia a consciência de que o espí-

rito de perseguição religiosa era o espírito do inimigo de Deus,⁷ identificando com coragem os poderes perseguidores dos santos revelados em Daniel 7.⁸ Mas, para além da crença, conseguia ser ouvido pelos seus e analisado pelos seus posteriores, incluindo Ellen White, por ser um homem bom, “respeitado e amado como ministro fiel e homem de talentos especiais, de inflexível integridade e verdadeira benevolência”.⁹ Foram estas qualidades que fizeram com que muitos o seguissem nas suas ideias, desde então, colocando em causa a noção da união do poder civil e do poder religioso, e da superioridade deste sobre aquele, que, desde Santo Agostinho de Hipona e seus seguidores, se infiltrara na cristandade,¹⁰ e iniciando um percurso que levou a encontrar na Bíblia o fundamento para a liberdade pessoal, assente no respeito pela liberdade de consciência.¹¹

Esta tríplice qualidade – confiança em Deus, certeza na Palavra e integridade na ação – deixou um legado de defesa do que mais precioso tem a condição humana, a de ser criado à imagem de Deus: “a santidade da consciência individual.”¹²

Os quatro ingredientes do testemunho

Que exemplo magnífico de fé e integridade nos deixou este homem! E não o comparo somente com os homens, mesmo os das leis, que não têm, quatrocentos anos depois, o mesmo entendimento de respeito pela liberdade de consciência. Comparo-o, também, com todos os que, tendo esse entendimento, estão distantes do seu exemplo, seja de fé, seja de integridade.

Esta história de vida é a demonstração de que, ao reclamar como direito oferecido por Deus o direito da liberdade de consciência, por criação e por redenção (Gênesis 1:27; João 8:36), nos tornamos também



“espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens” (I Coríntios 4:9), assumindo a responsabilidade do testemunho (Atos 1:8), com o privilégio de nos considerarmos felizes por fazê-lo, mesmo nos momentos de provação (Mateus 5:10-12).

A receita da vida de Roger Williams serve-nos aqui como reflexão. Afinal, o segredo do sucesso do seu testemunho assentou nas mesmas verdades que podemos colher hoje na nossa própria Bíblia, a Palavra inspirada de Deus.

Em primeiro lugar, Aquele que nos pede que O sirvamos como testemunhas é O que garante a Sua presença nesse percurso. Ele convida: “Portanto ide...” (Mateus 28:19), mas assegura que: “Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mateus 28:20). É esta **certeza na Providência** que dá fundamento à responsabilidade do testemunho, mesmo nos momentos mais difíceis de provação. Como o diz Ellen White, numa bela e interpelante expressão, “Fé, paciência, clemência, pensamento voltado para o Céu, confiança no seu sábio Pai celestial, são as flores perfeitas que se desenvolvem entre nuvens de desapontamentos e privações”.¹³

Em segundo lugar, como Williams, o Cristão que tem a Bíblia como regra de fé tem a plena consciência de que está inserido num conflito cósmico muito superior ao da sua mera existência pessoal (Apocalipse 12:7). Ao colocar-se do lado de Deus, o crente toma a opção de estar junto ao Criador, mas também do lado contrário ao inimigo, que tem como desígnio opor-se-lhe como objeto da sua ira (I Pedro 5:8), precisamente por tomar o nome e a causa do seu Senhor (Lucas 6:22) e especialmente nos momentos finais da história desta Terra (Daniel 7:21; Apocalipse 13:7). Mas é esta **noção da verdade profética**, que traz à consciência o papel individual num conflito

superior, que oferece também a esperança de nele resistir: “E quando o Filho do homem vier em Sua glória, e todos os santos anjos com Ele, então Se assentará no trono da Sua glória; [...] Então dirá o Rei aos que estiverem à Sua direita: Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mateus 25:31-34).

Depois, numa terceira dimensão, existe a necessidade de assumir que nem só no relacionamento com Deus se baseia a responsabilidade do testemunho. Ele traz consigo uma vertente relacional com o outro, com cada indivíduo e com a sociedade em geral. Essa vertente relacional deve levar a uma **ética fundada na Fé**, consciente de que, ao reclamar-se como discípulo de Cristo, se faz embaixador da Sua parte (II Coríntios 5:20) perante todos com quem interage. E nem só na partilha da fé se materializa esse testemunho; pelo contrário, ele é transversal e está presente em tudo o que é a vivência do Cristão. Olhando para a vida de Roger Williams, e para as provações que enfrentamos como Cristãos, que grande conselho recebemos dos escritos de Tiago: “Meus irmãos, tende grande gozo quando cáirdes em várias tentações, sabendo que a prova da vossa fé opera a paciência. Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma” (Tiago 1:2-4). O gozo, a fé e a paciência perante a provação são instrumentos divinos para a construção de uma ética cristã, rumo a um caráter perfeito e completo, digno de assumir a responsabilidade do testemunho.

Finalmente, e como consequência da anterior, a **resiliência na provação**. Se o gozo, a fé e a paciência, recebidas em sabedoria, são dádivas de Deus quando pedidas (Tiago 1:6 e 7), resta ao Cristão a

firmeza de espírito nos Seus princípios, por decisão e convicção. Como diz Paulo: “... meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor” (I Coríntios 15:58). Essa resiliência assenta no conhecimento e na aplicação das promessas de Deus na Sua Palavra, e não na confiança nem na capacidade próprias de resistir. Mesmo nas circunstâncias mais adversas. Afinal, “a alegria e a coragem cristãs são fundadas, não nas circunstâncias externas – que podem frequentemente ser extremamente opressoras – mas na fé na providência soberana de Deus e numa compreensão inteligente relativamente ao modo como lida com o homem”.¹⁴ E este modo é sempre, mas sempre, motivado pelo amor de Deus aos Seus filhos. ✦

• **Paulo Sérgio Macedo**

*Diretor do Departamento de
Liberdade Religiosa e Assuntos
Públicos da UPASD*

1. *Collier's Encyclopedia*, Londres e Nova Iorque, Macmillan e Collier, vol. 23, p. 497.
2. Leroy Edwin Froom, *The Conditionalist Faith of Our Fathers*, Washington, Review and Herald, 1955; vol. III, pp. 47 e 48.
3. Martyn, *The Life and Time of Luther*, p. 22. Citado por Ellen White, *O Grande Conflito*, Sabugo, Publicadora SerVir, 2009, p. 247.
4. Ellen White, *O Grande Conflito*, Sabugo, Publicadora SerVir, 2009, p. 247.
5. Leroy Edwin Froom, *op. cit.*, vol. III, p. 47.
6. Thomas Armitage, *History of the Baptists*, Bryan, Nova Iorque, Taylor and Co, 1980, p. 643.
7. Leroy Edwin Froom, *op. cit.*, vol. III, p. 49.
8. Roger Williams, *The Bloody Tenent of Persecution*, Londres, Edward Bean Underbill, 1848, Fifth Introductory Proposition.
9. Ellen White, *op. cit.*, p. 247.
10. Jean Touchard, *História das Ideias Políticas*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1991; vol. I, p. 150. O papa Gelásio (492-496), discípulo de Agostinho de Hipona, escreve ao imperador Anastácio, no que é considerado um dos primeiros textos de subordinação do poder civil ao religioso: “Com efeito, tu bem sabes, filho clementíssimo, que, embora pela tua dignidade comandes o género humano, baixas, contudo, a cabeça com respeito diante dos prelados e das coisas divinas.”
11. Jean Touchard, *op. cit.*, vol. III, p. 14.
12. Leroy Edwin Froom, *op. cit.*, vol. II, pp. 266-268.
13. Ellen White, Carta 1, 1883.
14. *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, p. 503 (tradução do autor).



O guarda-chuva

Em 1932, Maria tinha treze anos. Deixara a escola ao completar a quarta classe e agora acabara de se estrear no seu primeiro trabalho como aprendiz de modista, ali mesmo na baixa de Lisboa, onde sempre vivera com os pais e os irmãos. Perto do seu bairro, do outro lado da avenida da Liberdade, não muito longe do Rossio, ficava a igreja da Anuncia-

da, onde a menina gostava de entrar para rezar diante do altar do Cristo crucificado. Com esse Jesus, Maria falava coisas de criança, porque acreditava que Ele a ouvia, que Ele era seu amigo.

Maria queria fazer benfeito o seu trabalho de aprendiz de modista. Um dia queria saber todos os segredos das agulhas e dos alfinetes, das tesouras e das linhas, dos

dedais e das máquinas de costura. Mas, por agora, só tinha que fazer benfeito o mais simples. Precisava de arrumar a confusão de um *atelier* de modista ao fim de um dia de trabalho, limpando as bancas, as gavetas e o chão, e de estar sempre pronta para ir à rua fazer recados. E se ela os fazia bem! Esmerava-se a prestar muita atenção a todos os pormenores que a mestra lhe indi-

cava. Tinha que memorizar as cores das linhas que acabavam, não podia enganar-se na metragem dos forros que faltavam, tinha que prestar muita atenção ao dinheiro para não se deixar enganar nos trocos. E sempre, mas sempre, tinha que ir num pé e vir no outro – recomendação que a mestra não se cansava de lhe repetir, querendo dizer com isso que não podia distrair-se com nada, nem ficar a brincar na rua, nem a falar com ninguém. Por isso, habituou-se a caminhar sempre lesta, às vezes a correr até, pelas ruas de Lisboa, de perto ou de longe, porque dinheiro para apanhar um carro elétrico não havia para uma simples aprendiz de modista, que nada recebia pelo seu trabalho. Apesar disso, Maria sentia-se feliz e, sempre que podia, escapulia-se até à sua igreja para se ajoelhar diante do altar de Jesus e falar com Ele e sorrir para Ele.

Contente com o trabalho benfeito nas coisas simples que a garota fazia, a mestra começou a dar-lhe tarefas de maior responsabilidade. Agora já entregava a obra feita na casa das clientes. E que cuidados era preciso ter! Os vestidos, muito bem passados a ferro, eram envolvidos em panos brancos, presos com alfinetes e colocados em caixas para não se amarrotarem. Maria carregava essas caixas pelas ruas de Lisboa, tocava às campainhas, subia escadas e deixava senhoras com roupas novinhas em folha todas contentes, antevendo os elogios que iriam receber das amigas.

Naquela tarde, o vento varria a baixa de Lisboa. O céu estava cada vez mais escuro e a chuva começou a cair pesadamente. Mas não se podia esperar que a chuva passasse ou que o vento amainasse. Aquele casaco tinha que ser entregue a uma senhora que ia viajar.

D. Ilda, a modista, chamou Maria:

– Ouve, pequena! Tens que ir levar este casaco à dona Isabel. Ela mora aqui perto, por isso, se correres, não te vais molhar muito. Vá, pega no teu guarda-chuva e despacha-te! Vai o mais depressa que puderes.

Maria ficou parada com a cara voltada para o chão. Não que tivesse medo do vento que soprava, da chuva que caía, ou da dificuldade da tarefa! Não! Ela era muito capaz de fazer o seu trabalho benfeito! O problema é que não tinha um guarda-chuva seu. Lá em casa só havia um guarda-chuva para toda a família. Cheia de acanhamento, a menina acabou por contar à mestra o seu problema. Esta, ansiosa que aquela encomenda fosse entregue, disse rapidamente:

– Não faz mal! Eu vou emprestar-te o meu guarda-chuva. Mas, minha menina, não preciso de te dizer que todo o cuidado é pouco. Tu não sujes, não partas, não percas esta pequena preciosidade. Tens ideia de onde veio este guarda-chuva?

Com os olhos muito abertos, Maria abanou negativamente a cabeça. O tom solene e quase ameaçador da voz da mestra faziam-na sentir-se assustada e, num fiozinho de voz, respondeu:

– Não sei, não, senhora!

– Pois fica sabendo que o comprei em Paris e aqui em Lisboa não encontro mais nenhum igual a esse! Percebes porque é que tens que ter muito cuidado com ele?

– Percebo, sim, senhora! Mas, D. Ilda, eu acho que até nem me importo de apanhar chuva! Eu já tenho que ter cuidado com a caixa do casaco, é melhor não levar o meu guarda-chuva! Eu arranjo-me!

– Nem pensar! Sem guarda-chuva vais ficar toda molhada.

E, sob estas palavras de ordem, a mestra encaminhou a menina

**Caminhando
aos ziguezagues
para não ir
contra ninguém,
a garota
manobrava
habilmente a
caixa do casaco
com uma mão,
enquanto com a
outra apertava
firmemente o
guarda-chuva
para não o deixar
fugir arrastado
pela força
do vento que
soprava.**



para a porta. Já no passeio, abriu-lhe o guarda-chuva, pois, sendo um objeto tão raro para Maria, ela nem sabia como o usar.

Caminhando aos ziguezagues para não ir contra ninguém, a garota manobrava habilmente a caixa do casaco com uma mão, enquanto com a outra apertava firmemente o guarda-chuva para não o deixar fugir arrastado pela força do vento que soprava. Na sua mente, ouvia as recomendações da mestra sobre o guarda-chuva e, quanto mais se lembrava delas, mais aterrorizada se sentia com a possibilidade de ele se estragar nas suas mãos.

Caminhava debaixo do peso destes pensamentos, quando, ao passar defronte do portão do Jardim Botânico, já muito perto da casa da cliente, uma repentina rabanada de vento embateu com tanta força contra o guarda-chuva que as suas pequenas mãos não foram suficientes para o segurar. Num segundo, o guarda-chuva voou pelo ar em direção aos telhados de uns prédios não muito altos que havia ali em frente. Da sua boca aberta de incredulidade nem um único som saiu. Nem uma mão se levantou para afastar a água que escorria abundante pela sua cara. Presa ao chão como uma estátua, Maria apenas conseguia seguir com os olhos afiitos o voo daquele estranho pássaro que ia sendo empurrado pelo vento e embatia contra todas as chaminés daqueles telhados. Não sabe quanto tempo esteve assim. O momento foi para ela uma eternidade de aflição. Só sabe que, no seu desespero de menina, se lembrou do seu Jesus crucificado, no altar da igreja da Anunciada. E ali, naquele passeio desabrigado, indiferente ao temporal, pousou a caixa do casaco no chão. Ajoelhou-se em cima dela e, erguendo as suas pequenas mãos ao céu, chorando, lançou ao seu

Amigo da igreja um grito de SOS.

- Jesus, por favor, manda aquele guarda-chuva vir cá para baixo! Eu tenho que o entregar direito à minha mestra! Eu não tenho dinheiro para lhe comprar outro, nem há mais nenhum igual àquele!

Tão subitamente como o guarda-chuva lhe escapara das mãos e subira pelos ares, outra rabanada de vento fez descer o pássaro redondo que veio, rolando, parar mesmo à sua frente. Num impulso primitivo, a menina lançou-se sobre ele, rodeou-o com os braços, fechou-o e apertou-o contra o peito. Lágrimas e água da chuva escorriam dos seus olhos. Maria soluçava de alegria. Um sentimento estranho inundava-lhe a cabeça.

Tão subitamente como o guarda-chuva lhe escapara das mãos e subira pelos ares, outra rabanada de vento fez descer o pássaro redondo que veio, rolando, parar mesmo à sua frente.

Não sabia o que estava a sentir. Não sabia bem o que estava a viver.

Toda molhada, as pernas a tremer, Maria foi entregar a obra e rapidamente regressou ao atelier sem voltar a abrir o guarda-chuva. Devolveu-o à mestra, que o examinou minuciosamente. O tecido não tinha um rasgão, as varetas não estavam partidas, o cabo não estava esmurrado. O guarda-chuva estava intacto.

Na sua timidez infantil, Maria não teve coragem para contar nada do que lhe tinha acontecido, nem à mestra, nem, ao chegar a casa, à mãe, ao pai ou aos irmãos. Sentia-se num estado de deslumbramento. Começava a pressentir que

fora alvo do terno cuidado do seu amigo Jesus que, apesar de estar preso a uma cruz no altar de uma igreja, estava vivo, ouvia orações, dava ajuda imediata e interessara-se por ela na sua terrível aflição. Mas não partilhou a sua história com ninguém por medo de que ninguém acreditasse nela, tão impossível de ser verdade o que lhe acontecera lhe parecia a si própria. Mas aconteceu e, pela vida fora, Maria nunca mais esqueceu este presente de terno carinho que Jesus lhe ofereceu quando ela era uma menina aprendiz de modista, apenas com treze anos.

Muitos dias se passaram desde os treze anos de Maria. Mas, a avaliar pelas lágrimas que ainda brilham nos seus olhos e pela voz que treme de emoção enquanto me conta esta história, é como se tudo se tivesse passado mesmo ontem. Hoje, Maria só sente uma tristeza. A de não ter partilhado com a mãe e com o pai este acontecimento. Eles teriam acreditado, teriam ficado gratos a Deus e vivido com ela a sua felicidade. Por influência do pai e após o seu falecimento, Maria acabou por estudar a Bíblia e tornar-se uma convicta cristã Adventista.

Agora, aos noventa anos, quer recuperar o tempo perdido e sente o grande desejo de partilhar com muita gente o pequeno grande milagre que Jesus lhe ofereceu. Maria sabe, com absoluta certeza, que foi naquela tarde de temporal, no meio da rua, no meio da chuva, no meio do vento, no meio da aflição, que o seu coração de menina se uniu para sempre ao coração de Jesus. ✨

• **Raquel Grave**

Nota

Maria é um pseudónimo. A personagem desta história vive atualmente no LAPI de Salvaterra de Magos e pediu que o seu nome verdadeiro não fosse usado.

A proximidade da Segunda Vinda

Eu lembro-me do choque que tive quando ouvi, pela primeira vez, dizer que o livro de Hebreus tinha sido escrito para crentes Judeus desencorajados porque Cristo ainda não tinha voltado.

A propósito, ouvi isto em 1985.

Já nos foi dito que Jesus já podia ter (devia ter) vindo. Muito bem! Embora esteja convencido de que não é assim tão importante saber quando Jesus volta, *desde que Ele volte*.

A chave da questão é o estado dos mortos.

Nós sabemos que os mortos “dormem” (mesmo se o sono está para a morte como um corte de cabelo está para uma decapitação). Há alguns anos, fui operado pela primeira vez (para tratar de um tumor no joelho). Depois de ter sido levado para a sala de operações, o enfermeiro esticou o meu braço num suporte e eu disse-lhe que isto me fazia lembrar uma injeção letal. Ele assegurou-me de que não iria utilizar o potássio... e, quando reganhei a consciência, outro enfermeiro estava a acordar-me na sala de recobro.

Eu não fazia ideia de quanto tempo tinha passado. Vinte minutos ou vinte horas – não teria feito qualquer diferença. Ora bem, se um coma induzido por uma droga anestésica pode fazer isto à nossa experiência do tempo – mesmo quando ainda temos um bom bocado de função cerebral – o que faria a morte a essa experiência quando não temos qualquer função cerebral ou, se mortos há algum tempo, nenhum cérebro?

Quer seja Abel, o primeiro homem a morrer de que há registo, quer seja o último santo a perecer antes do fecho do tempo da graça, quer seja o incontável número de crentes falecidos entre estes dois pontos no tempo – tanto quanto lhes diz respeito, Jesus vem instantaneamente. Os nossos olhos fecham-se na morte e a nossa sensação seguinte (seja após cinco milénios ou após cinco minutos) é a visão do regresso de Cristo. A experiência de Abel será a mesma daquela partilhada por todos os que morreram na fé.

Para os mortos, ao menos no que toca ao tempo, não há diferença entre a sua experiência e a experiência que é, erroneamente, assumida por aqueles que acreditam numa alma imortal que voa para a bem-aventurança no mesmo instante em que o corpo morre. Em ambas as perspetivas, a recompensa é imediata.

Portanto, os mortos não têm consciência de um atraso da Segunda Vinda. Somos nós, os vivos, que nos queixamos desse atraso, mas apenas porque vemos as coisas da perspetiva errada, a perspetiva dos vivos. Contempladas desde a perspetiva dos mortos, as coisas aparecem de modo bastante diferente.

No entanto, mesmo para nós, os vivos, a Segunda Vinda nunca está mais longe do que um instante após a duração da nossa vida. Nós não vamos esperar longos séculos pelo regresso de Cristo; apenas os antediluvianos tiveram que o fazer. “Todos os nossos dias” são muito menos para nós do que foram para eles.

Embora queiramos que Cristo regresse em breve, mesmo se Ele não o fizer, nós teremos que esperar apenas um momento mais para além do nosso tempo de vida. Nós choramos pelos que morrem jovens, mas, se refletirmos desde a sua perspectiva, concluímos que eles não têm que passar por uma espera tão longa pela Segunda Vinda como têm os mais velhos.

Além disso, o que dizem frequentemente acerca da vida aqueles que vivem mais tempo? *Como voa rapidamente o tempo. Como passa tão depressa a vida. Como passam tão depressa os anos*. E tendo em consideração como a vida pode ser dura agora, especialmente em contraste com aquilo que nos está prometido para depois de Cristo voltar, é uma bênção que ela passe tão depressa.

Talvez agora compreendamos porque Jesus, há quase 2000 anos, podia dizer claramente: “Eis que cedo venho e o Meu galardão está Comigo, para dar a cada um segundo a sua obra” (Apoc. 22:12). “Eis que presto venho: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro” (Apoc. 22:7). “Aquele que testifica estas coisas diz: certamente cedo venho” (Apoc. 22:20).

Quão rapidamente? Que tal como “um vapor que aparece por um pouco e depois se desvanece” (Tia. 4:14)?

É suficientemente rápido para si? ✨

• **Clifford Goldstein**
Editor do Trimensário
da Escola Sabatina

O servo fiel

A FIDELIDADE TESTADA PELO TEMPO

Uma parábola sobre a Segunda Vinda

No tempo em que o Ruanda era ainda uma monarquia, o rei do Ruanda tinha agendado uma visita ao Seminário Adventista localizado nesse país africano. Estava previsto que o rei deveria chegar ao *campus* às três horas da tarde. Por volta dessa hora, todos os professores, estudantes, funcionários e respetivas famílias estavam reunidos na igreja do *campus* para darem as boas-vindas ao monarca. No entanto, as três horas passaram, sem que o rei aparecesse. Às quatro horas, o rei ainda não tinha chegado. Às cinco horas, o rei também ainda não tinha aparecido e muitos, cansados de esperar, começaram a deixar a igreja. Por volta das cinco e meia, apenas um punhado de pessoas esperavam ainda o rei. Mas, às seis horas, ouviu-se o grito: "O rei vem vindo! O rei vem vindo!" Todos os que ouviram os gritos apressaram-se a ir ao encontro do rei, mas a maioria dos que tinham partido não ouviram o grito de aviso e perderam a oportunidade de se encontrarem com o monarca.

Hoje, nós também aguardamos o nosso rei, Jesus Cristo. Aparentemente, Ele também está atrasado. Quantos de nós, que estamos esperando o regresso do rei Jesus, seremos fiéis até ao fim e permaneceremos preparados para O encontrar quando Ele chegar? Neste

artigo, vamos refletir um pouco sobre a parábola do servo fiel. Jesus contou esta pequena história para que compreendêssemos a necessidade de permanecermos alerta e preparados para o Seu regresso a esta Terra. De facto, esta parábola é uma chamada de atenção para a necessidade de nos mantermos fiéis e preparados em todos os instantes para o evento da Segunda Vinda de Jesus.

Ser um servo fiel ou infiel?

Na parábola contada por Jesus, um latifundiário, que se ausenta da sua propriedade agrícola, deixa encarregue da administração da sua casa um dos seus servos. Este servo deve administrar a atribuição da ração diária aos restantes servos da casa. O seu senhor coloca-o, assim, numa posição de responsabilidade até que ele regressa.

cruciais da ordem social. Ela era mais familiar do que contratual. Era estabelecida voluntariamente e implicava um relacionamento de longo termo. No entanto, a relação entre senhor e servo era baseada na existência de uma desigualdade social e económica e numa diferença de poder entre os dois termos da relação. Ela combinava a existência de uma forte solidariedade e de uma associação voluntária com a existência de coerção social. O servo aceitava a proteção do senhor em troca de uma submissão ao seu controlo. Note-se também que a Galileia, no tempo de Jesus, se caracterizava pelo fenómeno do senhor ausente. Frequentemente, os senhores possuidores das propriedades agrícolas não residiam permanentemente na sua propriedade, controlando-a por meio de procuradores. Devido à importân-

Como verdadeiros discípulos de Jesus, devemos manter-nos fiéis no nosso posto de dever.

A relação socioeconómica estabelecida entre senhor e servo era uma das características fundamentais da organização social da Palestina do primeiro século. Esta relação regulava alguns aspetos

cia da estrutura social traduzida na relação senhor/servo na Palestina do primeiro século, esta estrutura social é aqui usada por Jesus como uma metáfora para expressar a Sua relação com os Seus seguidores. Je-

sus é o Senhor da Igreja e, portanto, o Senhor de todos os Seus fiéis discípulos.

Jesus considera como feliz o servo que se mostra fiel no posto de confiança que lhe foi atribuído pelo seu senhor, antes de este partir. De facto, a partida do senhor dá ocasião a um teste da fidelidade do servo no seu serviço de administração da casa senhorial. Passando o servo este teste, o senhor dar-lhe-á a responsabilidade de administrar não somente a sua casa, mas todas as suas propriedades. A fidelidade do servo será assim amplamente recompensada pelo seu senhor.

No entanto, o servo a quem foi confiada a tarefa de administrar a casa do seu senhor pode revelar-se um servo infiel. A ausência prolongada do senhor leva o servo a pensar que o seu senhor demorará a voltar. Esta demora dá lugar à tentação. O servo entrega-se à libertinagem, abusando da sua posição de autoridade para maltratar os seus colegas. Assim, devido à demora do senhor, o carácter do servo é posto à prova. Nesta ocasião, ele mostra ser um servo infiel, indigno da posição de confiança que o seu senhor lhe confiou. Ora, o senhor volta precisamente quando o servo não o esperava. Este é, assim, surpreendido em plena infidelidade. Esta situação é possível porque o servo não sabe, nem pode saber, o dia e a hora em que o seu senhor voltará. Tendo apanhado o servo em plena infidelidade às ordens recebidas, o senhor decide castigar o seu servo infiel. O castigo aplicado é o desmembramento. Na Antiguidade, esta pena terrível era aplicada em casos de extrema gravidade. Assim, o fim do servo que não soube manter-se fiel, mesmo perante a demora do seu senhor, é a perdição, juntamente com os “hipócritas”. Ao mencionar os “hipócritas”, Jesus parece estar a referir-Se aos fariseus que recusavam aceitá-l’O como sendo o Messias de Israel.

A lição espiritual da parábola

O que podemos aprender em termos espirituais com esta parábola? Com a parábola do servo fiel, Jesus põe de sobreaviso os Seus discípulos. Jesus torna claro aos membros da Sua Igreja que Ele Se ausentará e que o Seu regresso se dará numa data futura e desconhecida. Dado que o tempo da volta de Jesus é desconhecido, a atitude a adotar pelo crente fiel deve ser uma vigilância permanente. A vigilância consiste numa expectativa que leva o verdadeiro discípulo a tratar bem os seus condiscípulos. A negligência da necessária vigilância leva o falso discípulo a tratar abusivamente os seus condiscípulos. Assim, os seguidores de Jesus devem manter-se firmes no seu posto de dever, vigiando constantemente e permanecendo fiéis ao seu chamado como discípulos. Os verdadeiros discípulos de Jesus não serão levados à libertinagem



Compete-nos vigiar para que estejamos prontos para o momento grandioso do regresso de Jesus.



pela demora do regresso de Jesus. Pelo contrário, eles manter-se-ão fiéis no seu posto, aguardando a eminente volta do seu Senhor. Portanto, esta parábola tem uma lição para nós hoje. Como verdadeiros discípulos de Jesus, devemos manter-nos fiéis no nosso posto de dever. Não devemos cair na tentação de pensar que o nosso Senhor tardará. Pelo contrário, devemos estar constantemente preparados para receber Jesus no Seu regresso em glória. Dessa forma, quando Jesus voltar, não só nos encontrará preparados, como poderá recompensar-nos pela nossa fidelidade com o dom da participação no Seu Reino Eterno.

Certo viajante, ao atravessar os escarpados planaltos da Suíça, longe das estradas batidas, próximo a um belo lago, deparou-se com uma

maravilhosa propriedade. O encarregado mostrou-lhe o bem cuidado jardim. O viajante perguntou:

– O seu patrão visita a propriedade todos os meses?

– Não – respondeu o jardineiro – ele está a viajar.

– Há quanto tempo?

– Há cerca de 20 anos.

– Certamente recebe sempre notícias dele...

– Nem uma vez.

– Então, de quem recebe o seu salário?

– Do procurador do meu patrão.

– E o procurador vem dizer-lhe o que deve ser feito?

– Não, ele nunca esteve aqui.

– Diga-me, então: Quem vem ver o jardim?

– Ninguém, pois dificilmente passa alguém por aqui.

Então o viajante observou:

– Não obstante, o senhor cuida deste jardim como se estivesse à espera do seu patrão amanhã!

– Hoje, senhor! Cuido de tudo como se o meu patrão regressasse hoje!

Também nós estamos a aguardar a volta do nosso senhor. Jesus prometeu voltar em breve, mas não indicou uma data precisa. Compete-nos vigiar para que estejamos prontos para o momento grandioso do regresso de Jesus. O conselho que lhe deixo, caro leitor, é o seguinte: “Viva como se Cristo tivesse morrido ontem, ressuscitado hoje e voltasse amanhã.” Assim, certamente todos nós estaremos preparados para o regresso eminente do Senhor Jesus! ✨

• **Paulo Lima**

Editor da Revista Adventista

As Histórias do Barão



Conheces alguém que, ao contar um episódio, exagera de tal forma que percebes ser impossível ter acontecido daquela maneira? Chamamos-lhe logo mentiroso ou exagerado, não é? Imagina ser-se ambas as coisas!

No século XVIII, viveu um homem chamado Karl Friederich, barão de Münchhausen. Ele teve uma vida muito preenchida, principalmente durante o tempo em que, como militar, esteve longe da sua terra natal. Quando regressou, contou imensas histórias e aventuras por que tinha passado. Só que eram todas inverosímeis, ou seja, impossíveis de ter acontecido.

Por exemplo, o excêntrico barão afirmava ter voado numa bala de canhão, ter viajado até à Lua e – vê lá que imaginação! – dizia que tinha conseguido sair de um pântano puxando pelos próprios cabelos! Ao contrário do que esperava, este senhor não ficou na memória das pessoas pela coragem demonstrada em aventuras fantásticas, mas sim por ser um valente fanfarrão.

Olá, Amiguinho!

Aqui tens sugestões para a tua agenda. Completa-a com as tuas ideias.

abr 2013 Agenda

domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
31 Gálatas 1:4 DIA MUNDIAL DA SAÚDE	Jeremias 38:20 Procura o significado do teu nome. 1	I Coríntios 5:7 2	Romanos 6:10 3	I Coríntios 15:20 4	Manassés (II Crónicas 33:1-20) Revê a lição da Escola Sabatina. 5	Lucas 20:36 Passeia na Natureza. 6
7 Ato 5:41	Tito 2:14 8 	Hebreus 9:15 9	Salmo 55:22 10 	Mateus 16:3 11 	Hilquias (II Crónicas 34:14-33) 12	Tito 3:1 13
14 Salmo 27:8	Mateus 21:5 15 	I Tessalonicenses 2:4 16 DIA MUNDIAL DO LIVRO	I Coríntios 6:20 17	I João 2:28 18 DIA DA LIBERDADE	Esdras (Esdras 7-9) Faz um desenho colorido. 19	Romanos 2:4 Deseja um feliz sábado a cinco pessoas. 20
21 I Timóteo 2:5	João 12:26 22 	II João 6 23	Mateus 7:1 24	Provérbios 17:27 25 DIA DA LIBERDADE	Neemias (Neemias 1 e 2) Ora pelas crianças que não têm comida. 26	Salmo 73:28 Lê um capítulo inteiro de um livro da Bíblia. 27
28	Hebreus 5:8 29	I Samuel 12:24 30	1 	2	3	4

Vamos ler, todas as semanas, a história de um personagem da Bíblia que conhecemos ou de que ainda não tenhamos ouvido falar. Podes pedir ajuda aos teus pais ou aos teus irmãos mais velhos, para lerem este texto contigo e aprenderem mais sobre estas pessoas. Boa leitura!

CONGRESSO NACIONAL DE UNIVERSITÁRIOS 2013

19 A 21 DE ABRIL

AVEIRO
CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS

TEMA

ARQUEOLOGIA BÍBLICA

ORADOR PRINCIPAL

PROF. RODRIGO
SILVA

INSCRIÇÕES EM:

[HTTP://AUAPT.BLOGSPOT.COM](http://AUAPT.BLOGSPOT.COM)

PÚBLICO ALVO:

- PRÉ-UNIVERSITÁRIOS (11º E 12º ANOS DO ENSINO SECUNDÁRIO)
- UNIVERSITÁRIOS; LICENCIADOS
- MESTRES E DOUTORES

PROF. RODRIGO SILVA, PROFESSOR DO UNASP - BRASIL APRESENTADOR DO PROGRAMA "EVIDÊNCIAS", DOUTOR EM TEOLOGIA, ESPECIALISTA EM ARQUEOLOGIA BÍBLICA E DOUTORANDO EM ARQUEOLOGIA PELA USP



ASSOCIAÇÃO DOS
UNIVERSITÁRIOS
ADVENTISTAS

